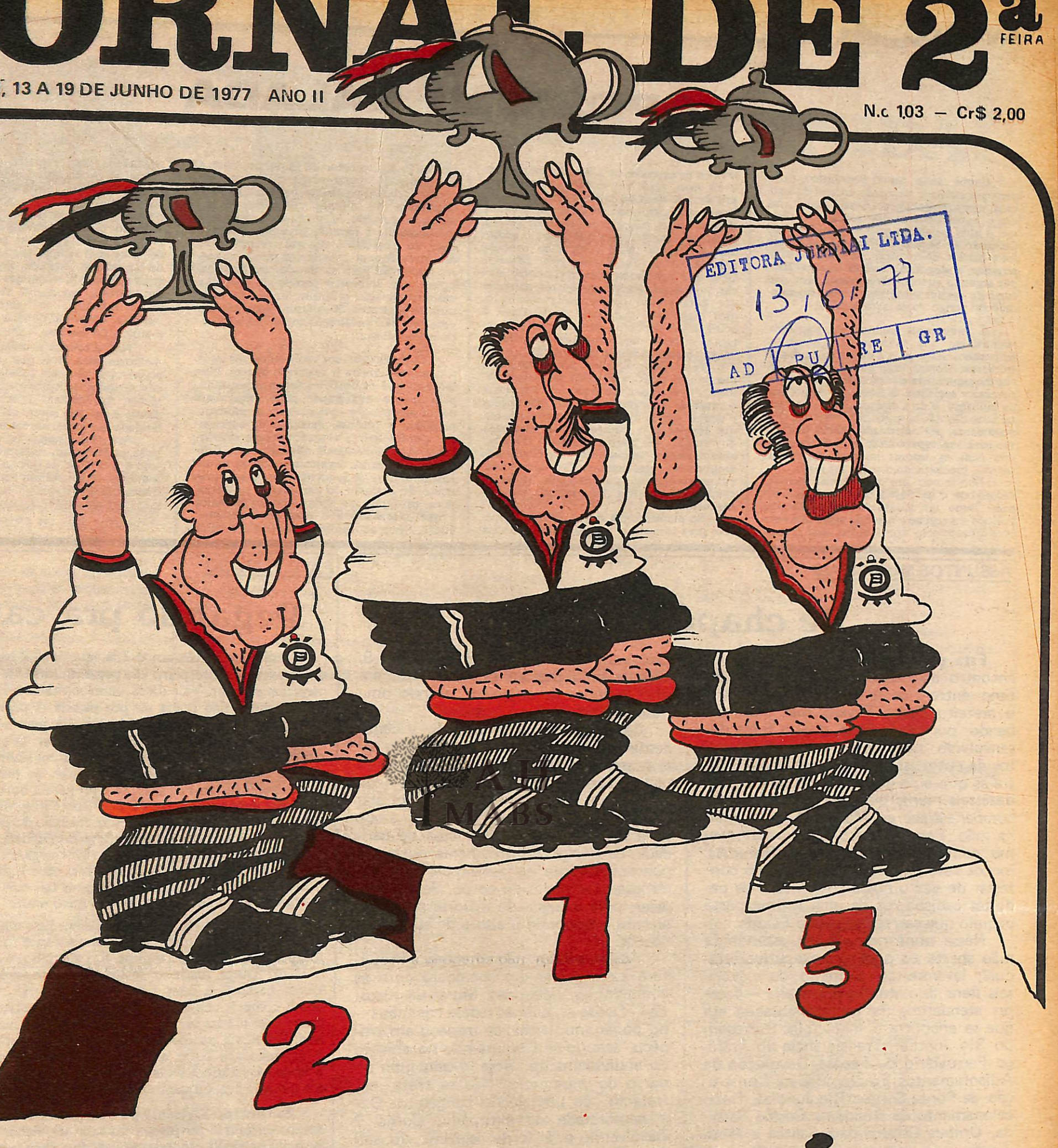
JORNAL DE 2ª FEIRA

JUNDIAÍ, 13 A 19 DE JUNHO DE 1977 ANO II

N.c 1,03 — Cr$ 2,00

EDITORA JUNDIAÍ LTDA.
13/6/77
AD | PU | RE | GR



ESTE ANO É DO CORÍNTIANS

O "affaire" Tino, o caso dos menores que mataram uma prostituta, e até a torcida do Corintians, na página 7.

Na página 16, o "Jornal de 2a." cobra certas providências por parte da atual administração. Para que a cidade saiba.

A OPOSIÇÃO CALADA

Coube ao sr. Sinval Boaventura, próspero pecuarista e deputado federal da bancada arenista de Minas Gerais, mais uma vez o papel de acusador, sendo que desta vez o alvo escolhido pelo ex-presidente da Comissão de Segurança Nacional da Câmara foi o partido da oposição, na figura do conterrâneo e deputado federal Marcos Tito, que segundo aquele, teria pronunciado discurso de caráter subversivo, e com isto colocado em perigo a segurança nacional.

É interessante lembrar que o sr. Boaventura, ao que tudo indica, contribuiu indiscutivelmente para a queda do ex-ministro Severo Gomes, visto que lhe jogou a pecha de esquerdista e responsável por uma orientação socialista à frente do Ministerio da Indústria e do Comércio. Se é certo que tal acusação não se constituiu em fator preponderante, por outro lado, sabe-se que serviu para incompatibilizar o sr. Severo Gomes com os setores mais ortodoxos do sistema, precipitando,assim, a sua saída.

Tido como um parlamentar conservador, tem o sr. Sinval Boaventura funcionado como um arauto do endurecimento político do regime e não é de agora que vem propugnandopelo continuismo dos instrumentos de excessão, se afinando assim, com a ala mais rigida do sistema, contrária ao processo de abertura política que se vislumbrava no início do governo do General Ernesto Geisel. Não é de se estranhar assim a fulminante rapidez com que atuou o acusador, secundado pelos colegas de bancada arenista, os srs. Jorge Arbarge e Eduardo Galil, que inclusive apresentaram como provas, jornais publicados em outros países, o que para muitos oposicionistas configura uma manobra a mais para desprestigiar o MDB, exarcebando as suas contradições internas e desse modo procurando iniviabilizá-lo como uma frente de oposição.

Vê-se pelos últimos acontecimentos, que na área política as crises são frequentemente fomentadas, no sentido de retardar o processo de normalização das instituições e sempre que se divisa no horizonte, mesmo que longínqua, a perspectiva da retomada do estado de direito, surgem também, abruptamente, manobras e obstáculos arquitetados artificialmente e que visam em última instância a manutenção da excepcionalidade, contida basicamente no Ato Insitucional no. 5.

No momento em que o MDB se preparava para formalizar a constituição de uma Comissão Parlamentar de Inquérito, com a finalidade de apurar irregularidades e corrupção no sistema financeiro, em cuja área ocorreram nos últimos dias vários escândalos, o governo se sentindo pressionado publicamente e havendo uma forte probalidade de que alguns dos mais importantes ministros fossem convocados pelo Congresso Nacional, para as devidas explicações, optou por colocar o partido da oposição em uma situação defensiva, através dos mesmos expedientes de sempre, denunciando uma provável infiltração subversiva na bancada emedebista.

O desenrolar dos acontecimentos após a denúncia contra o deputado Marcos Tito indicam que os objetivos foram alcançados, pelo menos em grande parte, haja visto que a agremiação oposicionista se mostrou preplexa e confusa, deixando de apresentar a única defesa verdadeiramente convincente, que seria aquela calcada em seu programa partidário, legalmente registrado na Justiça Eleitoral. Se atentarmos para o conteúdo do discurso do parlamentar oposicionista, proferido no último dia 24 de maio, e que desencadeou a atual crise, veremos que o mesmo engloba teses e proposições tiradas de um programa oficial do MDB, o que, de modo algum, pode ser visto como um atentado às instituições e à segurança nacional. A questão é colocada de maneira correta pelo eminente jurista Aliomar Baleeiro, que não vê ato ilícito em defender pontos de vista de um partido clandestino, pois nem sempre tais idéias ferem a Lei de Segurança Nacional, ainda mais quando essas idéias estão contidas no programa de um partido legalmente reconhecido. Para o ex-ministro, o fato que menos importa, do ponto de vista legal é indagar-se a origem do discurso, e sim do conteúdo.

Não atravessa o atual governo os seus melhores dias, pois que, ao lado da crise econômica, tão bem refletida pelo aumento desenfreado do custo de vida dos últimos meses, recrudescem as manifestações estudantis e cai aos níveis mais baixos a popularidade dos atuais detentores do poder.

Mas, pelo menos no que tange à oposição parlamentar, resta pra o regime o consolo e a certeza, de que na atual conjuntura, a mesma estará por um bom período acuada e sem voz.

Germano Neto

ASSUNTOS MUNICIPAIS

De chapéu à mão

Esta coluna não esteve presente ao encontro acontecido a 27 de maio último, entre o governador Paulo Egydio e o prefeito Pedro Fávaro. Mas ficou sabendo, por ouvir dizer, qual o tema desenvolvido nos longos quarenta minutos da entrevista, a "mais demorada" entre as que o sr. governador concedeu aos dezesseis municípios que, como o nosso, compareceram ao Morumbi, de chapéu na mão. Permita-nos o leitor o eufemismo como alternância a uma afirmativa menos reverente, ou seja, para não confessar de vez o nosso triste papel de pedintes cabisbaixos de uma ínfima parte daquilo que carreamos para o Estado.

Nessa conformidade, ao estender a mão aberta ao poderoso executivo estadual, levamos ao consenso de s.excia. seis itens de natureza prioritária — fatores atenuantes da caótica situação em que se encontra o município: Barragem do Rio Jundiaí, Transferência do Tráfego Ferroviário da Fepasa, Devolução de Adiantamentos Empregados na Construção da Ponte Sobre o Rio Jundiaí, Reescalonamento da Dívida na Gestão Passada, Ônibus Diretos para Santos e Mini-Ceasa.

Para quem tem como nós — e o prefeito tem — trinta anos de vivência política, a anuência do sr. governador às reivindicações acima enumeradas não descarta o entendimento de que, "noblesse obligue", isto é, por simples cortesia, s. excia. deixou de usar a negativa como forma perempta de solução imediata. Um "não" sêco e categrico seria por assás traumatizante. Em tais casos, o aleatório se recomenda como ficha de consolação.

Embora sem afirmar que tenha sido um furo n'água, não acreditamos no sucesso do nosso desiderato. O que nos possa advir de proveitoso , força é dizer que vem nos supreender. E oxalá possamos em tempo curto dar vivas à surpresa.

"SALVE O HOSPITAL"

Informa-se também, que o nosso prefeito dirigiu ao sr. governador um apelo dramático no sentido de que o Estado venha em socorro do Hospital S. Vicente cujo passivo está estimado em vinte milhões de cruzeiros, usando uma frase patética:"salve o hospital!".

Como todos sabemos, o S. Vicente desde os seus primórdios vinha sendo carinhosamente administrado pela comunidade vicentina, como credor, que realmente era, do reconhecimento popular que jamais lhe regateara o auxílio a que fazia jus, na qualidade de casa de caridade, de portas diuturnamente abertas à pobreza carente de assistência que lhe mitigasse os males do corpo. Senão modelar, pela míngua de maiores recursos, era um nosocômio à altura de suas finalidades.

Assim, porém, não entendeu a Prefeitura ao negociar um comodato com as conferências vicentinas. Moral da história — Desde aí, com as rédeas nas mãos do poder municipal, de tropeço em tropeço, acabou se chafurdando no abismo do endividamento. Hoje, é uma giba no dorso do município. Não se trata, entretanto, de um aleijão congênito. Daí a necessidade de extirpá-lo. Como ? Devolvendo-o à fonte legítima do seu nascedouro.

Tivesse o sr. governador conhecimento desse fato e provavelmente não nos teria poupado um beliscão.

Vamos ter que pagar esses desmandos de que tanto falaram nossas colunas sem que delas alguém, (quem?) tomasse conheicmento. Todavia, que não nos falte o cuidado de evitar que o "buraco" cresça nas suas proporções. Devolvamos o hospital, e, embora inconformados, arquemos o chapéu, mesmo porque, sobre muito nos humilhar, essa prática não logrará proveito algum.

A culpa é de todos. Purguemos, pois, as suas consequências. Que fizemos nós, senão manter os braços cruzados, quando poucos, através deste jornal, denunciavam a bandalheira? Não acendemos então uma vela sequer. Agora pranteamos a escuridão. É o preço da omissão que termos de pagar a duras penas.

Elcio Vargas

PAPO FURADO

Pegando pra capar

Desde que fundaram o J2a. que vivo dizendo: O dia em que mexerem no vespeiro vão pegar muita gente pra capar. Começaram a mexer. Vale dizer, começou também a capação.

Também, não podia ser por menos. A pilantragem escancarou a cara dos pilantras. Já ninguém mais segura o rol da bandalheira que vem na esteira da devassa. O que as CEIs tem pinçado neste últimos dias dá pra corar um frade de pedra.

Há certas coisas, contudo, que não são justas, por via do se precisam ajustar. Por exemplo, pretender botar no lombo do mocinho toda a patranha do S. Vicente é aproveitar-se impiedosamente da defasagem que vem fazendo do pobre uma tripa de mico. Querem que estique a responsabilidade por meandros que ele próprio desconhece. Ninguém nega que o cujo tenha emborcado um cheque de 75 mil. Isso não. Todavia querer atira-lhe ao lombo outras trampolinagens tais como as notas frias da Yazul, isso também é um pouco meio muito.

O "rombo" do S. Vicente — como disse um colega a quem voltou a fala depois que o leite secou e a vaca foi pro brejo — já rompeu a casa dos 500 milhos. E o mocinho só engrupiu 75. E o resto? Quem rustiu o resto? Como se explica o faltante? Quem negaociava com fantasmas? Comprar remédios não é como comprar chuchu. É preciso ser do metier. Ou não é? A gente nem precisa ser bidu para saber que há mais bois nessa linha. Difícil vai ser toreá-los porque são ariscos demais. Daí, se o mocinho não botar a boca no trombone acabará bancando o bode expiatório.Tal como o holandês, vai pagar pelo que fez e o que não dez, ou melhor, pelo que fizeram os outros.

Saltando do S.Vicente para espinheiros mais emaranhados, vamos encontrar novidades do arco da velha. Pena que por respeito ao sigilo processante mande a ética que mantenhamos presa a língua entre os dentes. Mas não vai ser por muito tempo.O pessoal que acompanha a pagodeira não perde por esperar, e, nessa hora, se não for careca, vai ter os cabelos arrepiados.

Como sugavam a desventurada Petronilha! Papagaio!...

Regabofes pra 700 garfos. Que que é isso? Onde é que coube tanto garfo? Será que por descuido não puseram zero demais naquela conta? O que deram ao ministro foi um pouco mais modesto,quase 600.

Releve o leitor o mau emprego destas algrávias a fim de que eu possa, à imitação do prefeito da novela, dispensar os "considerando" e entrar de sola nos "finalmente".

Então, que vá:

Andou pela rua, de maõ em mão, o fac-símile de uma nota acompanhada de sua "competente" segunda via. A primeira, devidamente visada com ordem de pagamento autorizada pelo jamegão do chefe, dizia, Cr$ 58.000,00; a segunda, sem jamegão, Cr$ 150,00.

Aquele carbono maroto me fundiu a cuca. Desde então vivo a pensar como os tempos estão mudados — nem nos carbonos pode-se mais confiar...são fajutos.

Pois é, voltando-se à premissa, estão pegando gente prá capar. À vista disso precavenham-se os chupetas do primeiro escalão para não acabarem falando fino por aí. V/2



O modelo aspereshe

Quando a Inglaterra concedeu a independência a Asperesh houve grandes festas que duraram uma semana, durante as quais a tônica dos discursos das altas personalidades da ilha era o fato da libertação ter sido conseguida sem que uma única gota de sangue fosse derramada.

De fato, nem os duzentos anos de dominação, nem os altos interesses de grupos econômicos foram suficientes para impedir que a independência fosse conseguida pacificamente, à mesa de reuniões em Genebra, na memorável data de 13 de agosto de 1958.

Nesse dia, ficou estabelecido que uma junta mista, composta de dois representantes do antigo governo e dois membros das forças vivas de Asperesh, governaria a ilha por um ano, depois do qual se realizariam eleições para a escolha do governo nativo.

Embriagados pelas perspectivas que a independência lhes oferecia, os aspereshes logo se dividiram em oito partidos políticos, abrigando as mais significativas tendências dos ilhéus. Desses oito partidos, apenas dois eram de linha esquerdista. Os seis restantes eram desde o centro até a ultra direita, embora a maioria fosse de tendência democrática.

A campanha eleitoral foi iniciada, de acordo com a decisão da junta governante, seis meses antes do dia marcada para as eleições. Foram cento e oitenta dias de comícios, de muro pichado, de papéis e mais papeis forrando as paredes das casas, de faixas nas ruas, de muita movimentação, enfim.

No dia aprazado, o povo compareceu maciçamente às urnas e, levando-se em conta que essa era a primeira vez que votavam, os aspereshes até que se comportaram dentro da ordem: foram raros os casos de perturbações, apenas uma ou outra confusão provocada por extremistas.

Saiu vencedora a coligação formada pelo PDA – Partido Democrata Aspereshe, pela UDA, União Democrática de Asperesh e pelo Partido Libertador. O Partido Radical, ultra direitista, e o PCA, comunista, conseguiram apenas duas cadeiras no legislativo e, juntos, não somaram 10% da votação. Depois da independência, o resultado das eleições era a segunda prova de que a índole pacífica e a vocação democrática eram pontos marcantes da personalidade da nova nação.

Todavia, ainda não haviam transcorridos três anos do governo eleito e a população já começava a sentir que o presidente e o seu ministério estavam longe de cumprir as promessas eleitorais de desenvolvimento harmônico e moralidade administrativa. Ao contrário, todas as medidas econômicas eram tomadas em favor do grupo mais poderoso da ilha, os grandes proprietários de terras. E a corrupção começava a ser denunciada pela imprensa não-comprometida.

De tal forma essas condutas foram se confirmando que obrigaram os militares a assumir as rédeas da nação "para impedir o caos e para extirpar a corrupção administrativa".

Embora dessa vez não houvesse festa para comemorar, ainda assim se voltou a decantar a felicidade do movimento das forças armadas ter sido feito sem que nenhuma gota de sangue fosse derramada. E o dia 8 de maio de 1961 foi o marco da revolução, pelo restabelecimento da moralidade e pela volta à normalidade.

A junta militar, formada por três coronéis, não marcou data para as novas eleições: havia uma tarefa revolucionária a ser cumprida e eleições poderiam representar a volta da corrupção ao poder. Mas ficou no ar a promessa de que o poder voltaria às mãos dos civis, tão logo o objetivo revolucionário, "vale dizer, o interesse nacional", fosse conseguido.

Acontece que o tempo foi passando, uma ou outra voz se levantando contra a permanência dos coronéis no poder, rumores de corrupção começaram a correr, até que a junta revolucionaria decretou o toque de recolher para a população e a lei marcial para os contestadores.

Em 1971, dez anos depois do golpe militar, a situação ficou inustentável. Todos os setores mais patriotas manifestavam seu descontentamento. Mesmo proibidos de se reunirem, os estudantes saiam às ruas em passeatas. Nas eleições sindicais, eram vitoriosas as chapas que propugnavam a volta à democracia. Enfim, em todas as áreas inclusive dentro das próprias forças armadas, vez ou outra o descontentamento se revelava.

Foi quando a junta de coronéis se reuniu e anunciou que entregaria o poder aos civis. Mas essa entrega seria paulatina: afinal, a revolução vitoriosa tinha o direito de decidir a forma pela qual a democracia seria plenamente restabelecida, "conforme é vontade do povo".

E foi assim que, no dia 28 de fevereiro de 1972, teve início o modelo aspereshe de democracia, com a volta paulatina dos civis ao poder. O governo foi passado dos coronéis aos tenentes-coronéis, que depois de quatro anos o passariam aos majores, e estes aos capitães, até que um dia um soldado raso, em vias de dar baixa, assumiria a presidência.

Erazê Martinho

Sérgio Rondino

¡BIENVENIDA!

Foi certamente a melhor charge política da semana passada. Ilustrava o noticiário sobre a visita de Rosalyn Carter ao Brasil, aparecia logo abaixo desta informação: "A presença da sra. Rosalyn Carter no Brasil provocou uma trégua política: o governc ainda não tomou qualquer iniciativa no sentido de punir o que considera afronta à Revolução".

No desenho, um jovem carregava um cartaz com este slogan:

Rosalyn, don't go home!

Muito divertido e ao mesmo tempo extremamente sério. Pois é inevitável rir e, logo em seguida, pensar com preocupação em tudo o que mudou desde os tempos em que a frase nos cartazes costumava ser: **Ianques, go home!**

Mudamos nós ou mudaram os norte-americanos?

Mudamos todos.

A eleição de Jimmy Carter indicou uma clara tomada de posição do povo norte-americano: ele simplesmente cansou-se de ver seu país identificado sistematicamente como o sustentáculo das ditaduras e regimes de força espalhadas pelo mundo.

Cansou-se da grande contradição: como poderia a maior nação democrática do mundo favorecer regimes antidemocráticos? Como desconhecer o generalizado desrespeito aos direitos humanos?

No 13o. capítulo do Livro "Porque não o melhor?", preparado para sua campanha à Presidência, Jimmy Carter definia:

"As ações da política interna e externa de uma nação deviam derivar dos mesmos padrões de ética, honestidade e moralidade que são característicos de seus cidadãos. O povo deste país é intrínsecamente altruísta, franco, honesto, decente, competente e compassivo. Nosso governo devia ser assim, em todas as suas ações a atitudes".

Foi essa política que o povo norte-americano escolheu. E que Carter está apenas cumprindo, ao colocar em prática, por exemplo, sua política mundial de defesa dos direitos humanos.

—

E nós, em que mudamos?

Muito. E a cada retrocesso político vamos ficando mais longe ainda da lição americana.

Além disso...

O feriado da semana passada, longe se ter sido um dia de descanso para os parlamentares em Brasília, marcou uma série de reuniões entre políticos das duas agremiações partidárias, com o intuito de encontrarem-se fórmulas para o abrandamento da situação por que passa a classe política.

Petrônio Portel, Marco Maciel, Francelino Pereira, Célio Borja, Teotônio Vilela (Arena) e os emedebistas Tancredo Neves, Ulisses Guimarães, Alencar Furtado, Tales Ramalho, Amaral Gurgel, Roberto Saturino e Brígido Tinoco estiveram reunidos para "reduzir tensões" segundo informaram.

*

Devido ao fato do presente que lhe dera o governador de Pernambuco, Moura Cavalcanti, ter sido esquecido, em alguma parte, o embarque de Rosalynn Carter, de Recife para Bogotá, sofreu um pequeno atraso.

Comenta-se que alguns políticos presentes cochichavam: "Tomara que demorem para encontrar".

A vísita de Rosalynn Carter à América Latina não mereceu mais do que notícias em páginas internas dos maiors jornais, e 20 segundos diários no telejornal nacional, nos Estados Unidos.

A única exceção se deu quando de sua visita a Recife. Nas primeiras páginas do "New York Times" e do "Washington Post", dois dos mais importantes jornais norte-americanos, estava estampada a foto da sra. Carter ao lado dos padres Thomas Capuano e Lawrence Rosenbaugh, encabeçando uma nota que fazia referência aos campos de concentração de Dachau e à prisão onde estiveram detidos os padres, em Recife,

*

"Encontro, não. Assembléia, pode". Foi a declaração de Paulo Egydio, a respeito do que podem e não podem fazer os estudantes no campus da USP.

Apesar da fala governamental, observadores estudantis acham que quem vai dar a palavra definitiva é o Cel. Erasmo Dias, como sempre, aliás.

AH AMABS

PALAVRAS

"É por isso que este país não vai para a frente. Um escândalo. As pessoas recebem mais para não fazer nada do que para trabalhar. Um major que conheço recebe três pensões: uma do Exército, uma da companhia de leite em que trabalhou e a pensão do Estado. E ainda tem o seguro social. (Lambert Smith, inspetor de automóveis, falando sobre a vida nos Estados Unidos, Jornal do Brasil, "A Revista de Domingo,29/5)

"Os impostos existem para custear os serviços gerais do Estado, isto é, aqueles serviços como a educação, a justiça, a segurança, a saúde, etc. A prestação de serviços por parte do poder público nessas atividades não é divisível e paga pelos usuários. Enquanto a educação for considerada um serviço geral, o indicador correto para aferir o esforço público dever ser a receita de impostos". (João Carlos Melchior, professor da Faculdade de Educação da USP, Jornal de Brasília, 18/5)

"Existem dois reinos, o terreno e o divino, representados por duas coroas: uma feita de rosas e outra de espinhos. A de rosas significa um reinado de glórias efêmeras que desaparecem na palidez morta da história. A de espinhos representa as obras meritórias cercadas de sofrimentos com repercussões eternas". (H. Martinelli, Jornal de Jundiaí, 1/6)

"O mundo inteiro ama um artista. E as pessoas esperam que as estrelas ganhem dinheiro, muito dinheiro. Tudo isso faz parte do show". (Cruyff, jogador do Barcelona e da seleção holandesa)

"Transporte é coisa que derruba governos, já dizia Adhemar de Barros". (Cid Silva, do Sindicato das Empresas de Transportes do Estado de São Paulo, Jornal da Tarde, 26/5)

"Acho que aí fora existem tantos casamentos indo por água abaixo como no meio artístico. Mas acontece que nós, os artistas, estamos muito em evidência". (Consuelo Leandro, "Última Hora", 11/5)

"Em dez anos, um fumante moderado fuma cerca de dez quilômetros de cigarros, quantidade de fumo suficiente para fornecer alcatrão cancerizante capaz de produzir câncer na orelha de várias centenas de coelhos". (Moacyr Santos Silva, em um livreto editado pela Campanha Nacional de Combate ao Câncer)

"E os problemas da família vão crescer muito quando desabar sobre ela o divórcio muito esperado, muito desejado especialmente pelas moderninhas no entanto as mais prejudicadas". (Guilherme Enfeldt, JJ)

"O perdão é, realmente, para alguns cristãos, uma barreira intransponível!"(Rafael Mila Bueno, mesmo jornal)

"Não se pode dizer, como fez o líder do governo na Câmara, que o senador por São Paulo tenha exercido amplamente o direito de defesa. Ele tem se defendido de acusações públicas, mas o fato é que nem ele nem seu advogado conhecem o que consta do processo da C.G.I. Logo, não há defesa a fazer, validamente, na base de informações cuja documentação é desconhecida. Tudo isso está a indicar que continua no Sistema a descofiança sobre a eficácia das instituições nacionais. (Jornal do Brasil, sobre o caso Orestes Quércia)

"As reformas políticas trazidas pelo Ato Insticional se constituem num retrocesso histórico, político e democrático neste país". (Tarcísio Germano de Lemos, líder do MDB na Câmara Municipal).

PUFS

Hastilha é um comprimido que se toma por aspiração.

Lenocínio foi um general grego que combatia à sombra de lençóis.

Palheta era uma taxa restituível que se cobrava dos fumantes de antigamente.

Aeromodelo é o governo dos aviadores, pelos aviadores, para os aviadores.

Estufa foi uma anfitriã romana que sufocou os próprios filhos.

Babalaô é uma gosma que sai da boca dos pais-de-santo.

Gnomo é um pedaço de laranja bem pequenininho.

Muxoxo é um pronunciamento a respeito do custo de vida.

MEC era o apelido de um senador norte-americano que odiava os comunistas.

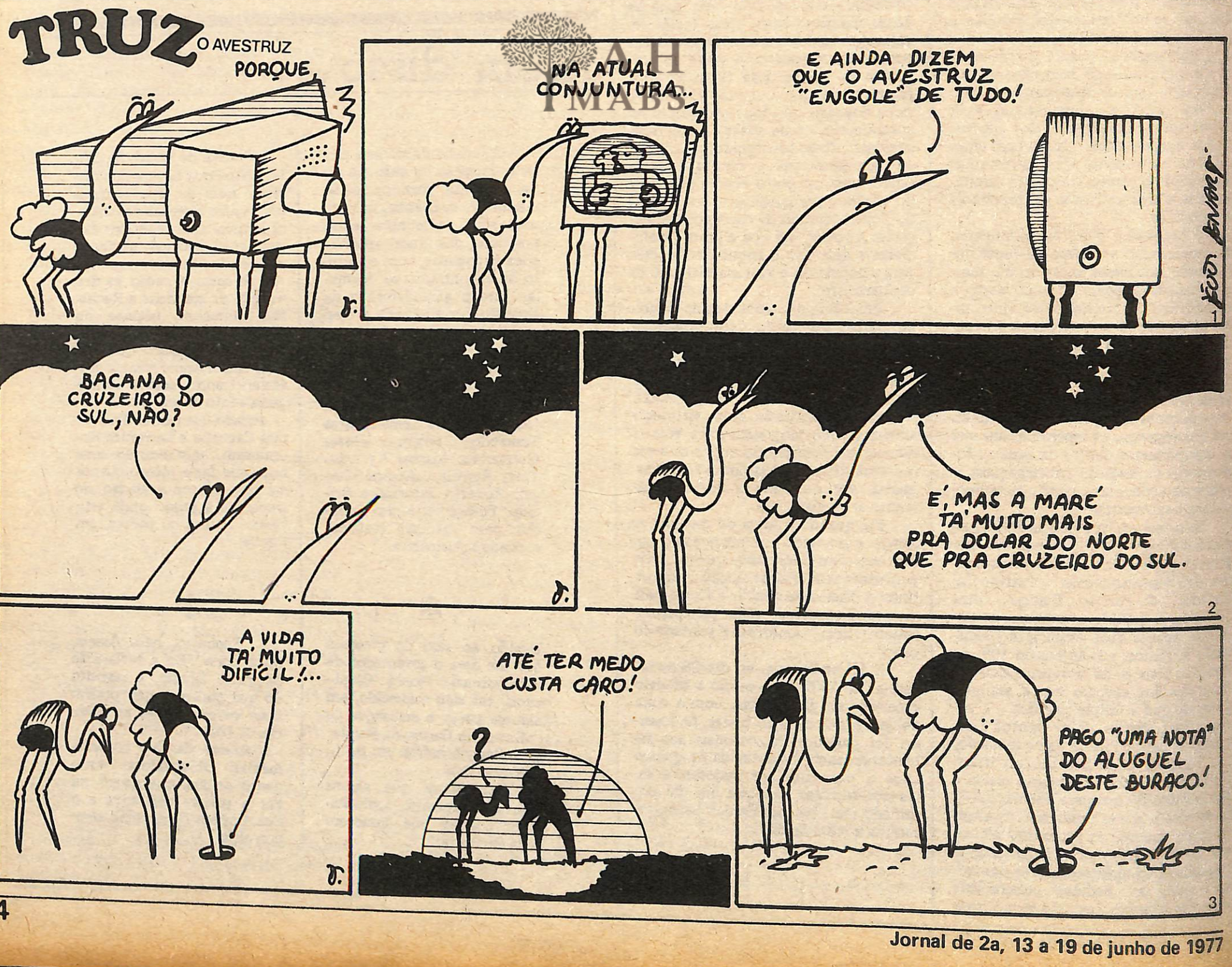
Ficção é a teoria de estado inspirada na decisão de D.Pedro em permanecer no poder.

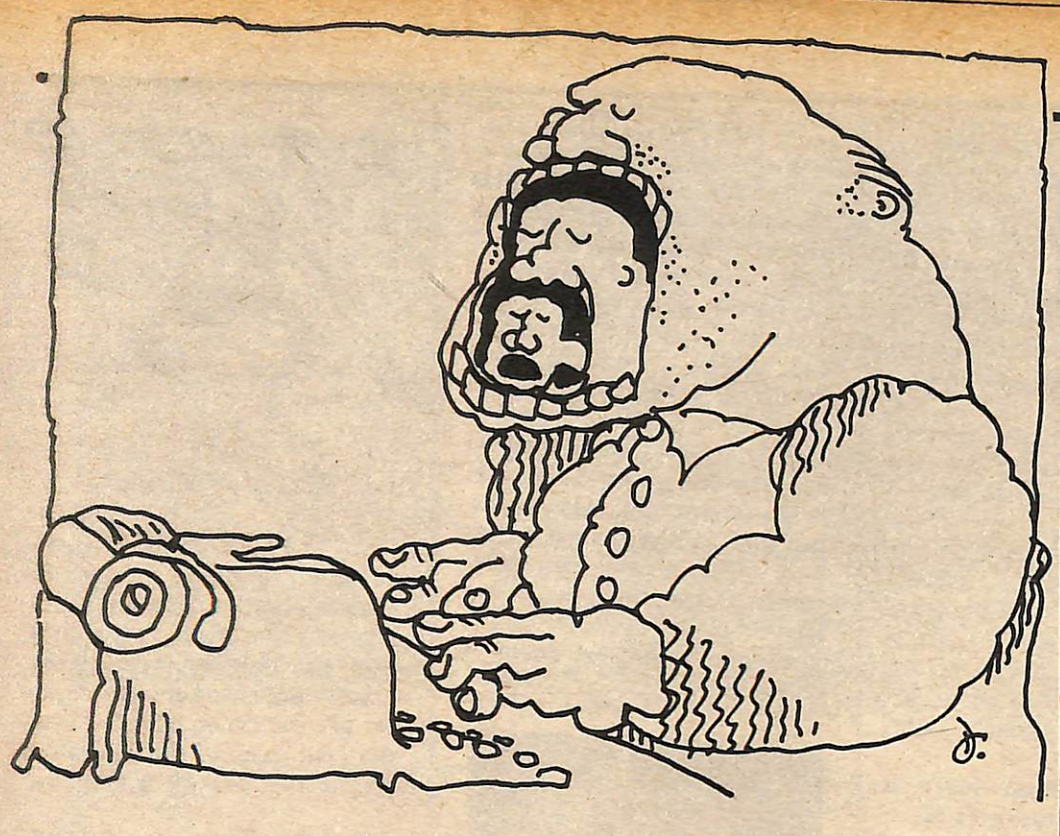
"Mar de Lama" é um bolero que está de volta às paradas de sucesso.

Pacote é um romancista ianque favorável ao fascismo.

Proveta é um pequeno teste a que devem se submeter os senadores.

Zarteu





Maus bofes

Ao lado de algumas causas que ninguém, até então, havia se atrevido a defender, este jornalzinho ganhou, em dois anos de existência, e junto a alguns setores da cidade, a fama de rabugento. Um jornalzinho de maus bofes que só fala mal das coisas e não vê o que a cidade tem de bom.

Nós todos já ouvimos algumas vezes e em algum lugar, esse tipo de objeção à atuação do jornal.

Mas é o tipo de objeção que só depõe contra a inteligência de quem a levanta, e que mostra até que ponto está arraigada, em alguns setores da vida da cidade , a maneira de pensar e de agir tão mais profundamente provinciana quanto menos quer que assim o pareça.

Instilou-se, através dos anos e através de um tipo de atuação jornalística emoliente, compadrística e bajuladora, uma maneira de agir e de pensar dirigida no sentido de cristalizar na opinião pública uma passividade e uma indiferença com relação a seus próprios interesses como comunidade, que resultaram nesse acomodamento, nessa preguiça mental, nessa barganha de elogios fáceis e de tolerância mútua.

Tolerância que é nociva não por ser tolerância, mas por ir além dos limites; nociva porque tende a minimizar, até mesmo a encarar como natural um tipo de procedimento que prejudica a coletividade. A filosofia do "deixa pra lá" pode ser útil em certos casos, mas nunca quando se trata da coisa pública.

Durante muito tempo o Jornal de 2a. foi acusado de ser **sistemático e radical** em suas críticas à administração anterior. Tão **sistemático e radical** que para alguns tornou-se inclusive incômodo. E pode realmente parecer incômodo – principalmente aos acomodados – um jornal que, aparentemente, fica batendo na mesma tecla durante meses e meses a fio.

Foi difícil, e ainda continua sendo difícil, explicar aos opositores da linha editorial do jornal, que nunca foi sua intenção denegrir **pessoalmente** alguém, quem quer que ele **seja**.
É muito difícil, nessa linha de raciocínio que se cristalizou durante tanto tempo, fazer uma nítida separação de águas. Embora as pessoas, como tal, mereçam, ou façam por merecer, todo o respeito humano que seja possível conferir-lhes, há momentos em que elas, as pessoas, não podem ser dissociadas da vida pública, do cargo, da função pública que exercem. Mormente quando essa função pública lhes foi delegada através do sistema de opção livre, da escolha direta.

A imprensa norte-americana, quando voltou suas baterias contra o presidente Nixon, não o fez contra a pessoa do sr. Richard Milhous Nixon como tal, mas contra um presidente da República, ocasionalmente chamado Richard Milhous Nixon, que evidentemente exorbitou de seus poderes, não em prejuízo de duas ou três pessoas, mas em prejuízo do conceito de vida de uma Nação, dos padrões de moralidade de um país inteiro.

Guardadas as devidas proporções, as críticas que o Jornal de 2a. fez contra uma administração anterior, foram baseadas na mesma linha de raciocínio. Não porque a pessoa do sr. Fulano fosse antipática demais, ou alta demais, ou baixa demais, ou porque usasse camisas feias ou calças largas, ou porque torcesse para o Corintians, Era porque essa pessoa, **investida** de poderes que lhe foram outorgados pela população, no entender do jornal – que argumentou com pilhas de documentos, fatos e provas – estava agindo de forma a prejudicar os próprios outorgantes do poder que essa pessoa exercia.

Portanto não há nada de figadal ou de radical na posição assumida. E o que pôde haver de sistemático, o foi na mesma medida em que sistemática foi a violação das regras administrativas cometidas pelo administrador investido nessas funções por livre escolha da comunidade.

E a cidade, que preza tanto o seu conceito, que se orgulha tanto de ter alguma coisa para se orgulhar, reagiu às vezes com incompreensão. Desacostumadas inteiramente do livre exercício da crítica, algumas pessoas se espantam quando a veêm estampada e franca, com todas as letras. Em rumores de esquina pode. Em letra de imprensa não.

Se a cidade pudesse conscientizar-se que já não é mais uma vila, que é um organismo complexo em franco processo de desenvolvimento, caminhando para ser uma metrópole de 300 mil habitantes dentro de pouquíssimo tempo, saberia reconhecer o quanto vale a crítica. O quanto valem os maus bofes de um jornal que se atribuiu – não por falta de modéstia mas por falta de vozes mais atuantes – o papel de fiscalizar e de vigiar. Se não houver ninguém disposto a zangar-se pela comunidade, Jundiaí nunca deixará de ser uma freguesia. E nem merecerá.

Sandro Vaia

PLANTÃO



I

O affaire Tino prossegue, com novos e inesperados capítulos. Consegui, na semana passada, fazer uma entrevista com Maria Lúcia Paladino, a Lucinha -- ex-agente federal acusada de participação no assassinato do detetive particular e informante Eurico Dias Pinheiro, o Tino.

Lucinha bateu às portas da Justiça, recorrendo as juiz-corregedor Renato Laércio Talli em busca de garantias, temerosa dos métodos da instituição policial a que pertenceu durante quatro anos. Em prantos disse ao juiz que concorda em ser submetida ao polígrafo (detetor de mentiras), mas não ao "paulígrafo", como é chamado, na gíria policial, o interrogatório através de métodos pouco convencionais.

Enfim, o contrabandista José Luís da Silva já disse o que tinha de dizer; Lucinha apresentou-se na semana passada. Assim, finalmente o inquérito sobre a morte de Tino – apunhalado 27 vezes durante a madrugada de 10 de fevereiro, chega aos seus últimos capítulos.

II

Maria Madalena, a corintiana que invadiu o campo do XV de Novembro de Jaú, sendo perseguida por um policial militar que, não conseguindo golpeá-la com um cassetete, passou-lhe o pé: uma das cenas mais grotescas que assisti, ultimamente.

É o tipo do episódio no qual ninguém tem razão: nem os chamados "gaviões da fiel"em invadirem o campo, nem o policial num passe ridículo de capoeira, após ser vencido num pique de cinquenta metros aproximadamente.

Aliás, alguns jogos têm se transformado em verdadeiras "guerras". De qualquer forma, tentemos o equilíbrio analisando as posições da moça e da Polícia:

Polícia – "a moça invadiu o campo; poderia estar armada e avançou em direção ao juiz. Não houve violência. Violência seria um tiro, um golpe de cassetete. A rasteira foi a forma mais suave, encontrada no momento para deter a moça".

Corintiana – "o juiz é ladrão e precisava levar uns tapas".

Conclua você.

III

O caso do promotor da II Vara Auxiliar do Júri que em consequência delibações alcoólicas bateu seu automóvel revestiu-se de lances tragicômicos. Primeiro, o ilustre representante do Ministério Público chegou à repatição policial para onde foi levado afirmando em altos brados que só "funcionava em casos muito importantes". Referia-se aos casos da Rota-66 e à Elza Leonetti Amaral.

Meio "alto", o promotor se recusou a aceitar a oferta do delegado de plantão: um policial dirigiria seu carro até a residência e... tudo bem. O promotor, porém vociferou, não admitiu. Resolveu ele mesmo dirigir e..o resultado foi uma "batida" do carro, a inevitável divulgação do fato, pelas circunstâncias, e uma repreensão da Procuradoria Geral da Justiça. São coisas que acontecem...

IV

"Estranho no ninho", filme muito aplaudido, Oscars e tal, não passa de limonada bem açucarada diante do que está acontecendo, atualmente, no Manicômio Judiciário.

Ali, depósito de criminosos inimputáveis, os médicos psquiatras são muito poucos (apenas seis) para atender a uma massa de 1.200 seres humanos, que vivem como animais.

Se depender de mim, farei o possível para retratar a miséria daquela casa de mortos, temível instituição à qual os presos se referem como "manico". Temível porque ali se entra vivo e só se sai morto – dentro de um "pijama de madeira", como dizem os presos.

V

Há poucos dias a Polícia paulista identificou os três menores – 15, 16 e 17 anos – que divertindo-se dentro de um lustroso Camaro amarelo metálico do papai de um deles, mataram uma moça. L.F.C., 15 anos, filho de um industrial, dirigia o carro; C.R.M., filho de um médico famoso e caro, e M.P. filho do proprietário de uma concessionária Volkswagen em Pinheiros, eram os ocupantes do Camaro.

Os três resolveram se divertir com a prostituta Maureni Urbano, de 21 anos, que foi arrastada por cem metros e morreu em consequência de uma batida na cabeça contra a guia da calçada.

A reação social diante desse caso foi inteiramente reprovável. Primeiro, num consenso extremamente discutível, muita gente achou que morreu uma prostituta e "não se perdeu grande coisa". Segundo, que os "meninos" são "filhos de gente bem", etc.

Na minha opinião, as coisas são exatamente ao contrário: Maureni estava ali, virando sua bolsinha perto da avenida Rebouças, por motivos que qualquer um conhece muito bem. E os três menores, muito bem amparados, foram tratados com tamanha condescendência que preenchem todos os requisitos para se transformarem, a curto prazo, em três grandes canalhas.

Mas é assim a nossa sociedade. Num caso desse, se acha que "não se perdeu grande coisa", com relação à vítima. E os menores? Bem... "têm todo um futuro pela frente". Argh!

Percival de Souza

ASSINE
O JORNAL DE 2ª
disque: 434-8648



ZONA FRANCA

O PODER DA IMPRENSA

"Sr. Entristece-me saber que esse conceituado jornal se proponha a divulgar obras como "Ilusão Traiçoeira", um arremedo de romance, absolutamente inócuo e primário.

Comprei o livro, li pouco mais de dez páginas e desisti, ele só contém bobagens, escritas sem nehum talento, o que torna o prejuízo maior.

Francamente, sinto vontade de cobrar dos senhores os cinquenta cruzeiros que paguei pelo livro, num momento de fraqueza". **Alzira O.M. Silveira.**

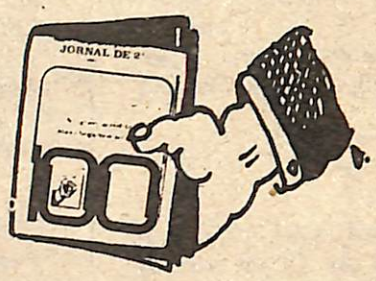
É o tal negócio, Alzira. A gente fez mil denúncias sobre a administração anterior e ninguém se mexeu pra ver se tínhamos razão. De repente, a gente faz uma entrevista com o autor do livro, ele fala que o livro tem isso, tem aquilo, a gente publica e já vai todo mundo comprar o livro. E, pior ainda, bota a culpa na gente. Se você quiser, passe aqui pra receber seu cinquenta paus, tudo bem. Mas antes vai receber com o ex-prefeito as 400 milhas que foram gastas no Sistema Viário (uma parte dessa grana é sua ;o resto, divide com o povo), tá ?

CENTENÁRIO

"Cumprimento os lutadores do Jornal de 2a. por terem atingido o no. 100.

Demonstram os ilustres jornalistas que, apesar das dificuldades, é necessário lutar e é possível avançar.

Continuem assim a luta, pois ela é um alento a todos aqueles que compreendem que este país só vai avançar quando os homens dignos e conscientes passarem a agir. **Deputado Alberto Goldman.**



BURACO DE ANO

"Sr. Perto de casa, na esquina da Rua Pascoal De Múzzio com a Conde de Monsanto, tem um buraco que já deve estar comemorando um ano. E que está crescendo a olhos vistos.

O aniversariante, além de dificultar o trânsito dos veículos, representa um perigo, principalmente à noite, quando muitos carros de alunos das Escolas Anchieta transitam por ali, para estacionar. Para fugir da cratera, esses carros põem em riscos os paralamas seus e dos que estiverem parados pelas redondezas.

Que tal pedir ao prefeito para mandar consertar?**I.M.**

Tá pedido, I.M. Mas achamos que vocês, do bairro, deveriam ir falar diretamente com o secretário de Serviços Públicos. Porque pra vereador – e talvez menos ainda para a imprensa – ele não dá mínima.

AO FÃ CLUBE

"Vocês estão convidadas para participar da comemoração do meu aniversário.

Eu: Claudinho Fontana.

Dia: 14 de junho de 1977.

Local: Rua das Palmeiras, 315, Rádio Nacional, São Paulo.

Horário: 17 horas".

A gente gostaria muito de ir, Claudinho. Infelizmente, nesse mesmo dia, nessa mesma hora, já temos uma entrevista marcada com seu coleguinha Chico Buarque, lá no Rio.

Mesmo assim, parabéns e continue.





JORNAL ATRASADO

"Sr. Meu pai é assinante do J 2a. desde o começo. Ultimamente o jornal tem chegado tão atrasado em casa que eu tenho comprado na banca, pra não ter que esperar até quarta ou quinta-feira, dias em que ele chega. Isso é proposital?"**C.P.M. Vianelo.**

C.P., meu chapa, você até nos deu uma boa idéia. Acontece que o atraso não é intênção nem culpa nossa o correio é quem está falhando. Mas a gente já está pensando em outra ofrma de distribuição. Tenha paciência e dois cruzeiros pra comprar na banca, que logo tudo será resolvido.

FOTO GELLI
Rua do Rosário, 334
Fone: 434-2253

AÇOUGUE E CASA DE CARNE MARCIO CACEZES
Rua Senador Fonseca, 1032
Entregas à domicílio
Fone: 436-4880







OS BONS IMÓVEIS ESTÃO AQUI

CASAS

RANGEL PESTANA - Jardim frontal e lateral, área, 2 dorm., garage, 2 salas, cozinha, lavanderia, dep.p/ empregada, quintal. Cr$ 700mil, facilitada e pode ser financiada. OFERTA CENTRAL DE IMÓVEIS – (16)

JARDIM CICA - jardim frontal, 3 dorm., sala, copa-cozinha, 2 banheiros, garage, salão p/ festa, quintal grande, lavanderia, dep. p/ empregada. Cr$ 800mil, facilitada e pode ser fianciada. OFERTA CENTRAL DE IMÓVEIS (326)

PARQUE DO COLÉGIO - nova, com 3 dormitórios, 1 suite, carpetados, todos com armário, sala grande,copa cozinha, lavanderia, dependência para empregada, abrigo, jardim, quintal,com todos os melhoramentos públicos. Cr$ 900 mil- **OFERTA RIBEIRO IMÓVEIS**

VILA LIBERDADE- 3 dorm., suite, banheiro social, sala g grande, copa-cozinha, garage p/ 2 carros, dep. p/ empregada, jardim frontal. Cr$ 900mil,pode ser financiada. OFERTA CENTRAL DE IMÓVEIS (582/584)

PARQUE DO COLÉGIO - Ocasião - fina residência estilo suiço, com 3 dormitórios, 1 tipo suite, banheiro social, sala grande com lareira, sala de jantar, cozinha tipo Kitchen com armário embutido, azulejo até o teto, mais um banheiro completo, aquecedor central, dependencia para empregada, abrigo para 2 carros, jardim, área construída 200 m2. Terreno 12 x 25.
Cr$ 1.300.000,00.OFERTA RIBEIRO IMÓVEIS

ANHANGABAÚ - Residencia nova com 3 dormitórios, 1 suite, com armários embutidos, banheiro social, lavabo, sala em L com carpete, e vidros fumê, copa, cozinha, lavanderia, dependencia para empregada, garagem ou salão, 6x8, abrigo para 2 carros. Cr$ - 1.200.000,00.OFERTA RIBEIRO IMÓVEIS

J ARDIM MORUMBI- Residencia nova, em fino acabamento, com 3 dormitórios com armário, 1 suite, banheiro social, sala grande com 2 ambientes, jardim de inverno, cozinha, lavabo. Abrigo para 2 carros, jardim, lavanderia, dependência para empregada, quintal. Preço - Cr$ 1.300.000,00.OFERTA RIBEIRO IMÓVEIS.

SÍTIOS E CHÁCARAS

IVOTURUCAIA -54.000 m, plana, toda formada à 9 km do centro , casa sede, casa para caseiro, luz, pomar grande produzindo, água corrente, poço, 2 bosques grandes naturais, ótima topografia. Cr$ 1.500 mil. **OFERTA RIBEIRO IMÓVEIS**

PRÓXIMO A VIA NORTE mais ou menos com 35 alqueires, com casa sede, mais 3 casas simples, 6 nascentes, córrego, açudes, ótimo para loteamento de chácaras, etc.
Próximo a várias propriedades.
Cr$ 15,00 o m2.
OFERTA RIBEIRO IMÓVEIS.

CABREUVA - com 70 alqueires, grande pasto, 22 alqueires, mata virgem, 100 cabeças de vaca, 20 suinos. Uma casa sede grande e nova, 2 casas para colonos. Pomar variado, 7 lagos, 6 nascentes, 3.600 m. Beirando o Rio Tietê, etc. À 6 km de Cabreuva. Mais informações em nosso escritório - Preço Cr$ 4.500.000,00 a combinar. **OFERTA RIBEIRO IMÓVEIS.**

BAIRRO DA CHAVE - magnífica chácara casa c/ 3 dorm.,arms. embs., sala, copa-cozinha, banheiro, jardim frontal, casa para caseiro, pequeno pomar, toda cercada. Estuda permuta com casa em Jundiaí. Cr$ 550mil, facilitada. OFERTA CENTRAL DE IMÓVEIS (1237)

MEDEIROS - 20.000m2, casa sede e casa caseiro, pomar, toda cercada, luz, água encanada, poço com bomba, barracão p/festa 10mx80m, com mais 2 cômodos. Estuda permuta com terrenos em Jundiaí.Cr$1.500.000,00, facilitada.OFERTA CENTRAL DE IMÓVEIS9961)

OS BONS CORRETORES ESTÃO AQUI

RIBEIRO IMÓVEIS
administração e venda
rua Mal. Deodoro da Fonseca, 479
tel. 436-6388

CENTRAL DE IMÓVEIS
Rua Barão de Jundiaí, 1080
Fone 434-3311







Com o berimbau, Mestre Almir fala da capoeira.

Capoeira

a luta de um povo pela liberdade

J2a. – *Mestre Almir, se apresente.*

Almir *z– Não sei falar de mim. Quero falar do que eu faço, do que eu gosto. Faço capoeira. A capoeira foi pra mim, meu pai , minha mãe, minha mulher. Vim da roça e só fui pra primeira cidadezinha com 10 anos. Em Itabuna fui tentar ser alguma coisa na vida. Fiz exame de admissão, passei, mas não tinha vaga no colégio. Meu pai era mascate, fez esforço e me colocou num colégio .particular. Comecei, então a ter contato com pesoas de outras classes sociais, filhos de políticos, deputados... conheci a casa deles e fiquei deslumbrado: tinha tapete até e o banheiro deles era mais limpo do que o lugar onde a gente comia.*

Passei a viver num mundo encantado, namorava aquelas meninas e tudo o mais. Era como mendigo comendo caviar. Mas, com o tempo, as diferenças de classe foram aparecendo e meus colegas foram me deixando de lado. Daí eu não era mais aceito nem por eles nem pela minha gente. Na minha necessidadde de ser alguma coisa, de existir, comecei a brigar. Foi quando surgiu pelas praças o Almir Cabelo Doido. Eu brigava por auto-afirmação e fui atrás da capoeira pra poder brigar mais ainda. Mas aí, comecei a conhecer a Capoeira, a música, os cantos, o jogo, a brincadeira da Capoeira. Senti que eu podia fazer tudo que pudesse imaginar com o meu corpo, artes que eu não conhecia.

Eu gostava de estar no meio dos capoeiristas, gente igual a mim. A gente saía junto, jogava, cantava, dançava em tudo quanto era canto.

J2a. – *Por que você resolveu vir pra São Paulo?*

Almir –*Vim pra São Paulo para vencer. Passei maus bocados. Aí conheci outro capoeirista Mestre Susassuna que tinha uma Academia. Fui morar na AcademiaMolhavao salão inteiro de tanto treinar, mas fui deixando de ser briguento, em São Paulo tive que aprender a ser mais calmo.*

J2a.– *E osvelhos tempos, como isso estava na sua cabeça?*

Almir – *Através das músicas de Capoeira comecei a entender tudo o que se passava lá no roça. Os trabalhadores de lá amenizavam o trabalho cantando aqules cantos, no ritmo da enxada pa...pa...pa...Daí comecei a ver a Capoeira como um negócio popular manifestação do povo.*

A Capoeira surgiu na época da escravidão negra, por uma necessidade de libertação. O escravo não tinha armas, passou, então a utilizar o próprio corpo como arma. Mas ele tinha que disfarçar o treinamento, para que o feitor não percebesse a luta. A luta vai surgindo disfarçada em dança, em brincadeira aparentemente inofensiva. E junto com a dança surge a música, o berimbau. Junto com a cuia onde comiam, os escravos colocaram o arco e produziam um som, que servia, inclusive, pra avisar quando o feitor vinha vindo, daí a luta virarva ginga, acrobacia, brincadeira de negro.Esses treinamentos eram realizados num mato; no Nordeste, chamado capoeira. A luta das capoeiras.

J2a – *E depois da Abolição?*

Almir – *Depois da Abolição o negro fica marginalizado, sem condições de sobreviver. Ele não é mais escravo, não apanha mais para trabalhar, mas também não tem onde trabalhar poque o imigrante europeu está em todas.*

Daí a Capoeira surge realmente como uma luta de classes, luta dos marginalizados,não só do negro. A Capoeira começou a ser usada pra assaltos a casas ricas, repartições públicas, etc.Em 1889, Marechal Deodoro baixa uma lei proibindo a capoeira. Com a evolução da repressão, há também uma evolução da Capoeira por uma necessidade social, porque o povo não tinha do que viver. Surgem, nessa época os golpes mortais. Em 1937, Getúlio Vargas que se dizia um cara popular libera a Capoeira pra ganhar simpatia. Mas ela só é permitida em locais fechados, só como folclore. O povo que necessitava mesmo da Capoeira como sobrevivência continuava na mesma.

J2a. – *Quando a Capoeira virou esporte, praticado, inclusive pelos ricos, ela se modifica?*

Almir – *As pessoas de outras camadas socias começam a interferir, o "malandro" não podia jogar, o negro era posto de lado.*

Então, em termos de raízes, de malandragem, ela perde muito de suas características. Perde um pouco aquele espírito de vivência, de sobrevivência, de criação conforme a necessidade.

As pessoas de dinheiro sempre tiveram lugar prá fazer suas festas. O povo não. O povo vai prá rua e faz as suas. As festas do largo de Salvador, por exemplo, o pessoal ia chegando com a viola, atabaque, pandeiro, maculelê, samba, pinga e quando baixava a polícia, o povo usava a capoeira prá se defender

Nas canções de roda, o capoeirista fala muito da perseguição da polícia prá mostrar que é arretado de briga.

Todas essas coisas que existiram é que dão força hoje.

J2a. – *E hoje, sendo um esporte só praticado em academias?*

Almir – *Prá mim só existe um tipo de Capoeira. Normalmente se fala em dois tipos: a regional que é mais t técnica, e a de Angola que é mais na malandragem (o cara vai lá e ...pa...pa ...pa e belisca...)*

Enfim, prá mim, uma completa a outra. O importante é que o povo joga como luta, como manifestação, se fazendo presente.

A gente vive por aí com tudo em cima, a Capoeira dá auto-confiança prá enfrentar a violência do dia-a-dia. O trabalho mental e muscular ajuda psicologicamente. Na capoeira, a gente tem que explodir o corpo e a cabeça (abre Os braços, sacode, põe as mãos nacabeçae sorri).

Com a Capoeira você aprende a descarregar uma porrada de coisas contidas que não dá prá explodir por aí. Senão, a gente sobe num ônibus e acaba agredindo o cobrador que ganha uma salário de merda, está cansado e mal-humorado, acaba te agredindo e assim por diante.

Prá mim, a vida é uma roda de capoeira, você tem que se virar, tem que batalhar, senão não sai do lugar. Taí o efeito psicológico da Capoeira. As pessoas mais simples chegam na academia já querendo saber a malandragem da defesa, tá todo mundo cansado de ser pisado. Daí percebem que Capoeira ninguém joga sozinho, um precisa do outro. As pessoas vão-se unindo, vão-se encontrando na mesma, vão-se extrovertendo livremente com a música, a dança, o jogo.

Como eu já disse, nasci na roça, num lugar chamado Piabuna por causa do rio Piabuna, e quando vi pela primeira vez aos 10 anos, as pessoas calçando sapatos, quis um par prá mim. Consegui uns sapatos velhos numa lata de lixo. Eles me apertavam, me machucavam, mas eu sentia que tinham que ser usados. Hoje isso já não é mais importante prá mim, mas sei que é importante prá maioria de pessoas que tem de aprender a lutar. Daí surgiu a Academia Capitães d'Areia, que é a maneira d'eu passar pra frente o que eu aprendi.

A Academia tem um departameto cultural e um esportivo, onde se praticam outros esportes. A gente faz música, transa teatro, passa uns filmes, faz o jornal mural, onde todo mundo escreve ou desenha. Enfim é um lugar onde as pessoas se encontram se relacionam, se expressam como quiserem, se manifestam de igual prá igual. Quando todo o mundo está na chuva, todo mundo tem que se molhar Então, vai todo o mundo se soltando.

O marginalizado "malandro" se sente gente. Então, aprende parititipa e ensina.

Hoje já não vivo bobamente. Quero que todas as pessoas tenham sapatos confortáveis.

Hoje eu grito.
Hoje já não me calo.
Esse mundo é de cão.
Não é de gente
É de cão, é de cão
Não é de gente
O respeito a cada um
Que cada um tem que tê
Tá no valor do dinheiro
Tá na fama de você
Esse mundo é de cão
Não é de gente não
Antes da fama chegá
Me tratavam diferente
Depois qu'a fama chegô, camará
Me roubô alegremente
Esse mundo é de cão
Não é de gente
Quando eu tinha dinheiro
Me chamavam de parente
Meu dinheiro acabô, camará
Só me chamam de valente
Esse mundo é de cão
Não é de gente
É de cão, é de cão
Não é de gente.

(canção de roda de autoria de Mestre Almir)

Esta entrevista foi extraída por Rubens K. e Mônica M.O. de um bate-papo gravado, na boca da noite, onde Mestre Almir se abre, fala o que pensa e o que sente, peito aberto, o coração nas mãos.

CORÍNTIAN

MAIS DE 50 CLUBES CHAMADOS CORÍNTIANS, DO INTERIOR E DA CAPITAL, PARTICIPARÃO DE UM TORNEIO PROMOVIDO PELA REDE GLOBO E PELO JORNAL CORAÇÃO. JUNDIAÍ NÃO TEM UM TIME COM ESSE NOME, MAS CONTAMOS AQUI A HISTÓRIA DE UM CORÍNTIANS QUE JÁ DEU MUITAS ALEGRIAS À CIDADE.

"Por iniciativa da Rede Globo e do jornal oficial da torcida corintiana, **Coração**, vai ser realizado um torneio reunindo mais de 50 clubes chamados Coríntians, todos legalmente constituídos. A competição começa em julho, com duas séries: capital e interior. Os interessados poderão entrar em contato com jornal **Coração**, na rua Padre Chico, 314 telefone 62-3478, CEP 05008, Pompéia, São Paulo".

Essa notícia interessa a dezenas de cidades do interior, menos a Jundiaí. Com tantos clubes filiados à Liga, Jundiaí não tem nenhum Coríntians disputando seus campeonatos oficiais.

No entanto, já hou ve um Coríntians na cidade (sem falar em outro, juvenil, formado há alguns anos por um grupo de esportistas da Praça da Bandeira, mas que também já não existe mais). E ele foi grande, como conta José Faggiano Júnior, que está escrevendo um livro sobre a história do Paulista F. C. em que há uma passagem dedicada apenas a esse Coríntians que vocês vão conhecer agora.

Segundo Faggiano, durante três anos Jundiaí foi o maior centro futebolístico do Estado, depois da Capital. Foi em 1919, 1920 e 1921:

"Pela força do seu futebol, um dos seus dois grandes clubes, Paulista ou Coríntians, deveria ser o campeão do Interior. É por isso que um jogo entre esses dois destacados rivais se revestia sempre de excepcional importância, eis que o seu vencedor era praticamente campeão, pois qualquer outro quadro não lhe faria frente. Portanto, o grande obstáculo para o Paulista era vencer o Coríntians, ou vice-versa".

Um espécie de "Palmeiras e Coríntians" da época. Assim aconteceu em 1919, quando o Paulista ficou campeão do interior, assim aconteceu em 1920, quando o Coríntians, vencendo o Paulista, abriu as portas para o título; e o mesmo aconteceu em 1921, quando o tricolor, abatendo o Coríntians, "encontrou o caminho direto para conquistar pela segunda vez o campeonato":

— 1920 foi, portanto , um ano em que, embora não brilahndo tão intensamente a estrela do Paulista, também não deixou de dar grande alegrias aos esportitas locais, pois coube a Jundiaí, por intermédio do Coríntians, elevar mais uma vez o nome da nossa cidade à altura do futebol do interior do Estado.

O time campeão do Coríntians em 1920 foi este: **Dicá, Paraná e Batista; Ítalo, Tango e Picchi; Carleto, Joaquim, Totó, Euclides e Conrado.**

Nessa ocasião, segundo Faggiano "à frente do alvi-negro da Vila Arens encontravam-se os destacados esportistas dr. Isaías Blumer, Amadeu Damásio, Egídio Borin, Luiz Bocchino, Benedito Santana, João de Freitas, Alberico de Camargo e José Martelo".

"O jogo em disputa da "Taça Competência", nesse ano (já estávamos então em 1921), não se realizou, pois o Palestra Itália, campeão da cidade de São Paulo, não concordou com a inclusão no quadro jundiaiense do formidável zagueiro PedroGrané, dono de um chute tão forte que atravessava qualquer campo, de gol a gol, e que no ano anterior pertencera ao Coríntians Paulista".

No entanto, foi combinado um jogo amistoso com o próprio Palestra, no campo deste, o Parque Antárctica, em disputa de uma rica taça. E o Coríntians, "fazendo alarde de seu indiscutível valor", venceu os palestrinos dentro de seu próprio campo, por 3 a 1 .

Faggiano conclui:

"Poderíamos ter conquistado a Taça Competência em 1920, se o Palestra concordasse em disputá-la com o Coríntians, pois aquele resultado de 3 a 1 no Parque Antárctica traria para nós o cobiçado troféu, se ele estivesse em jogo".

Hoje, existem apenas lembranças do velho Coríntians da Vila Arens. Poucas lembranças, mas o suficiente, talvez, para mexer com os corintianos de hoje: por que não fazer renascer esse mesmo valente Coríntians da Vila Arens, ainda a tempo de inscrever o time na promoção da Globo e do jornal **Coração?**



Este ano, um grito que não se ouve há 23.

Corintians

As pessoas que se lembram do velho Coríntians Jundiaiense, desaparecido definitivamente há mais de 13 anos, são as únicas fontes da história desse clube que chegou à glória de ser campeão do Estado, na década de 20. Todos os documentos foram queimados, os troféus desapareceram. E também as dívidas.

O último presidente foi Arlindo Pereira Alvares que, rebuscando na memória a história inicial do Coríntians, lembrou-se da versão relatada por seu pai:

— O Coríntians foi fundado em 1913, no dia 16 de junho. Foi na festa junina daVila Progresso, onde estavam o dr. Isaías Blumer, o dr. João de Freitas. Eles resolveram fundar um clube de futebol. A primeira idéia era chamá-lo de União Progresso, mas todoso preferiram Coríntians. O time só começou a despontar mesmo por volta de 1920, quando a APEA — Associação Paulista de Esportes Atléticos, que hoje é a Federação Paulista de Futebol, abriu o Campeonato do Interior.

O dr. Blumer, antigo dono da fábrica de Tecidos Japy; foi o principal sustentáculo do clube, que chegou a ter 400 sócios. Ele comprou o terreno onde ficava a cantina da Antártica e doou ao Coríntians. Com um grande estádio e bons jogadores (a maioria era composta por funcionários da Japy), foi possível ao clube entrar nesse campeonato e chegar ao primeiro lugar (ver matéria ao lado).

— Depois disso — conta Arlindo — só deu Paulista. O Coríntians não conseguiu ser campeão da cidade por um bom tempo .

O torneio, promoção para dar jogadores de presente ao Coríntians.

Essa promoção da Rede Globo e de **Coração** não é inédita. O próprio Coríntians promoveu um torneio parecido, há uns vinte anos. Quem conta isso é Edison Scatamacchia, um dos diretores de **Coração**:

— Nós tínhamos a intenção de revivê-lo, desde a fundação do jornal, mas nunca dissemos que a idéia era nossa. Partiu de Carlito Maia, depois de saber o número de Coríntians existentes no Estado, a iniciativa de reviver esse campeonato agora. E foi ele mesmo quem sugeriu que a filosofia principal seja a de revelar craques para o Coríntians e oferecê-los — de presente — ao clube, no mês de seu aniversário (setembro).

O primeiro passo foi verificar quantos Coríntians estavam registrados na Federação Paulista de Futebol:

— Chegamos a números que nos deixaram mais seguros ainda de que o torneio será um sucesso, principalmente se comparado àquele realizado há uns vinte anos, quando participaram alguns poucos times da Capital — explica Edison. — Verificamos que só na Capital e na Grande São Paulo existem quase 30 times registrados com o nome Coríntians, além de alguns que estão com seus registros em andamento e que, se conseguirem regularizar seus papéis em tempo, também paticiparão do campeonato.

— Sabemos que existem outros 50 ou 60 Coríntians na Capital mas exigimos o registro na F.P.F. (ou na Secretaria Municipal de Esportes), justamente para que não se inscrevam times desorganizados, formados em cima da hora só para participar da Copa Coríntians.

Mas, e se surgirem mais Coríntians no interior, fundados "em cima da hora" — isto é , times que não estão nessa relação preparada inicialmente?

— Aí a única solução é a de que ele providenciem imediatamente seus registros na F.P.F. Ou pelo menos, apresentem um protocolo até o último dia de inscrição.

E por que os times não podem ser registrados nas ligas de suas cidades vizinhas ou regiões? Edison:

— Porque isso faciiitaria a formação de times de última hora, com documentos falsos, o que certamente nos causaria problemas no futuro.

's CAMPEÃO



Jundiaiense: o fim por causa das dívidas

E [illegible] seu esforço de se lembrar, [illegible]gem [illegible]uns dos antigos jogadores: [illegible]á, o [illegible]eiro ("até há pouco tempo [illegible]ver[illegible]verdura na rua"), Emílio [illegible]s. [illegible]ão, Conrado, Totó, Ores- ([illegible]e era mais conhe- [illegible]o co[illegible]Tango"), Picchi ("o do a- [illegible]gue [illegible]que já morreu"). Mas, dentro [illegible]Liga[illegible]ndiaiense de Futebol, o ti- [illegible]reto[illegible]ou aos bons tempos:

[illegible]nde [illegible]33 ou 34, voltou a ser o [illegible]e e[illegible]ntians. Foi campeão da ci- [illegible]va c[illegible]34 e seu segundo quadro [illegible]peão todo ano.

Ne[illegible] ocasião, o Corintians já [illegible]ava [illegible]o seu campo. Por isso trei- [illegible]a n[illegible]dio do Operário, que fica- [illegible]atrá[illegible] São Bento, num eucalip- [illegible]e d[illegible]no campo do Avenida, no [illegible]nelo[illegible]uns dos jogadores: Xandi- [illegible]Pe [illegible]e "outros nomes que a [illegible]te n[illegible]arda", disse Arlindo.

[illegible]A [illegible]se continuou:

[illegible]foi [illegible]não me engano, em 35 ou [illegible]vem [illegible]ado um título com XV de [illegible]hou[illegible]Piracicaba. O Corintians [illegible]stav[illegible]a 1. A linha velha era [illegible]sele[illegible]o e o Cipó. O Tião jogou [illegible]Pa[illegible]aulista e no Corintians de [illegible]eção[illegible] O Cipó também jogou na [illegible]mou[illegible]SPR, que depois se trans- [illegible]acional.

[illegible]Em [illegible]Jundiaí apresentou três [illegible]es p[illegible]rticipar da 2a. Divisão de [illegible]fissi[illegible]Paulista, São João e Co- [illegible]tians[illegible] era o único a não ter [illegible]npo. [illegible]asião, foi acertado com o [illegible]Joã[illegible]o Corintians teria mando [illegible]jogo[illegible]eu campo. Mas, o outro [illegible]istiu [illegible]do o contrato ia ser [illegible]nado[illegible] estádio, o clube da Vila [illegible]ens [illegible]odia participar, mesmo [illegible]do [illegible]om time. Os jogadores,



Arlindo: presidente de um clube falido.



Estas taças foram as únicas que sobraram.

um a um, acabaram indo para diversas agremiações.

Dois anos depois começou o movimento para construção de um estádio. O deputado estadual Hamilton Prado que queria ser federal, acertou com De Vecchi a doação de um terreno no Jardim do Lago, na área que ia ser loteada O proprietário achava interessante um campo de futebol na região, que seria um bom argumento para a venda dos lotes, segundo conta Arlindo:

— Os lotes foram vendidos rapidamente. Então, De Vecchi se arrependeu, mas estava tudo registrado. Daí começaram a aparecer mil e um problemas para a construção do campo. E o Corintians foi levando a breca naquela água sem fervura. O Primavera entrou na jogada e tomou o campo, que inclusive ia se chamar "Artur De Vecchi".

Depois desse golpe, o clube começou a decair. As dívidas foram se acumulando. O presidente era José Carol, o tesoureiro Waldomiro Pereira Alvares, pai de Arlindo. Ele gastou muito dinheiro seu (na época uns dois milhões), para pagar as dívidas do Corintians que, por isso, não ficou devendo nada na praça.

Nos últimos tempos de atividade, o presidente morreu, o vice pediu demissão e Arlindo, que era diretor, viu-se na posição de presidente. O clube devia dinheiro a seu pai, mas como cobrar de uma entidade que ajudou a construir e viu a decadência? Assim, por uns dez anos, o Corintians ficou completamente paralisado. A sede era num sobrado na rua Barão do Rio Branco, onde morava o irmão de Arlindo. Lá estavam todos os documentos e pertences do clube.

A morte do irmão, em 1974, foi o suficiente para que todos os documentos fossem destruídos, para ser possível o uso da casa, hoje alugada para uma imobiliária. Dos 84 troféus restaram dois, em poder de Arlindo.

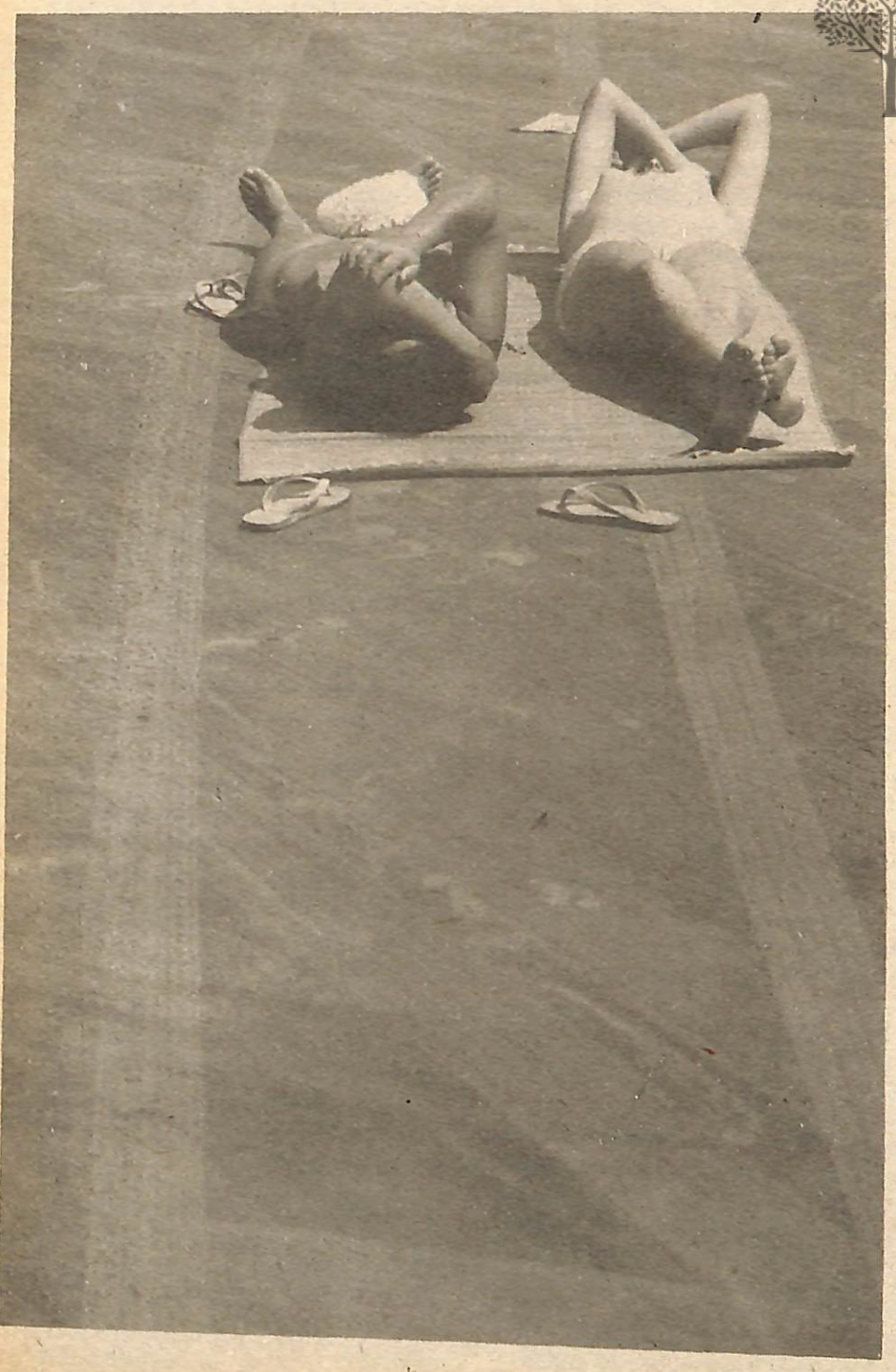
Arlindo está com 49 anos e trabalha como pedreiro ("vivo onde dá tranquilidade"). Depois de jogar no Corintians Jundiaiense e no Corintians Paulista, onde ficou por um ano, quando tinha cerca de 18 anos (não chegou a jogar nenhuma vez no time da capital), ele não chegou a disputar nenhum campeonato grande. Por isso, desistiu de tentar carreira.

Mas, prosseguiu no futebol por algum tempo. Jogou no Madureira da Vila Scavone, que chegou a ter 47 partidas invictas, com apenas um empate. Depois, foi para o Vila Nova, cujo presidente, na época, era um rapaz, que estava se formando no Ginásio Rosa. Seu nome: Pedro Fávaro.

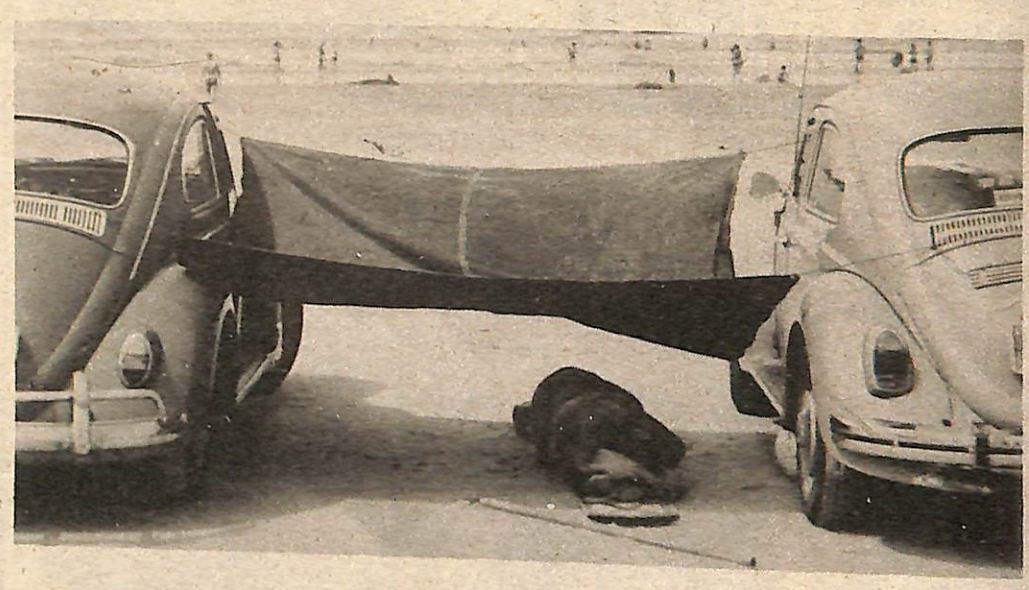
Os anos passados como amador deram -lhe experiência suficiente para saber que formar um time de futebol não é fácil. A idéia de reviver o velho Corintians Jundiaiense por ele é impraticável. Não que inexistam corintianos na cidade, pois "tem até demais". Acontece que, segundo sua opinião, o time teria que ter o mesmo nível do Paulista. Aliás, ele relembra a rixa entre os dois clubes desde 1920. Reviver isso acabaria tendo uma influência positiva: o Paulista, frente ao seu antigo rival, teria que se esforçar mais no futebol.

Arlindo, mesmo depois de todos os problemas que que o Corintians lhe causou, continua fervoroso. Tanto que se fundarem um novo Corintians, "garanto que serei o sócio número um".









Samuel de Queirós é um dos ganhadores do recente concurso "A Cidade Também É Sua Casa", promovido pela Secretaria de Cultura, Ciência e Tecnologia de São Paulo. Nestas fotos, feitas na Praia Grande, Samuel mostra, com certa dose de ironia, o escasso, longíquo e até ingênuo lazer do paulistano. Usou uma Câmara Nikon e filme Tri-X pan (R.B.)

AH MABS

SAUNA: NOS CLUBES, UMA SAUDÁVEL DIVERSÃO.

"Uma forma a mais de lazer, além dos aspectos benéficos para a saúde, que deve ser dada aos associados" — é o que representa a sauna em um clube, segundo o presidente do Tênis Clube de Jundiaí, Dr. Oscar Panizza.

O Tênis é o segundo clube de Jundiaí a instalar uma sauna em suas dependências. Ela ainda está funcionando em fase experimental e será inaugurada "quando for oportuno, talvez em junho", conforme fala Panizza.

Por enquanto estão em funcionamento os serviços de sauna seca, sauna úmida, ducha escocesa, ducha circular, sala de repouso e sala de fisioterapia com bicicleta fixa e rema-rema. Outros equipamentos, além da massagem. são alguns dos melhoramentos que se pretende fazer. O serviço de bar vem sendo executado junto às outras instalações do clube.

Esta sauna funciona para os associados do Tênis à partir das 18 horas nas terças feiras (para senhoras) e nas sextas (para os homens).

CLUBE JUNDIAIENSE

A sauna do Clube Jundiaiense tem uma frequência bastante grande dos associados, principalmente no verão.

São grandes e bem aparelhadas as dependências desta sauna, que possui os seguintes serviços: sauna, indicada na eliminação da água do corpo e que contribui para o emagrecimento; a banheira turbilhão, com jatos d'água que massageiam; o banho turco que abre e limpa os poros e a ducha escocesa inidicada para melhorar a circulação e relaxar os nervos.

Nas salas de fisioterapia há o rolo eliminador de flacidez e celulite, o Bel-Linha e a bicicleta elétrica. As salas de repouso são usadas nos intervalos após a sauna, sendo que na parte dos homens há um serviço de bar.

Para as mulheres existe a sala de massagens, executadas por Pepita, que possui alguns aparelhos eletrônicos. Uma piscina fria de 3x3 metros aproximadamente, completa ambas as saunas, mas seu uso é facultativo.

Os associados pagam uma taxa de 10 cruzeiros para ter acesso à sauna que está em funcionamento às sextas feiras e aos sábados, das 14 às 20 horas.

FREQUENTADORES

Como já se tornou comum em outras saunas, também nas dos clubes há uma frequência muito maior de homens, chegandono Clube Jundiaiense a haver mais de 150 nos dia de verão.

Para uma associada do Jundiaiense, Manira Askari, o fato não tem muitas explicações, além de conforme ela fala "ser justamente nas sextas feiras e sábados, quando a sauna está aberta, que as mulheres têm outros afazeres, como enrolar os cabelos".

Para Manira, frequentar a sauna já se tornou um hábito, e fala das razões que a levam a ir semanalmente:

— Depois que começamos a ir, se deixamos, sentimos falta. Então a gente deixa tudo para passar algumas horas na sauna. Eu me sinto muito bem, desintoxicada, relaxada. Ela ativa a circulação da pele e traz outros benefícios. Além disso ir à sauna já se tornou uma rotina".



Equipamentos de fisioterapia no Jundiaiense.



No Tênis, repouso nos intervalos.

Lazer







UMA CALÇADA PARA AS CRIANÇAS

Quando a rua Evangelista Mirandolla, no Vianelo, foi pavimentada, os seus moradores cimentaram as calçadas, pois sendo muito largas, ladrilhá-las sairia demasiadamente caro.

Maria Teresa Rebello, moradora do número 94, achou que a paisagem estava ficando muito fria, sem atrativos. Foi daí que teve a idéia de riscar contornos de personagens infantis, enquanto o pedreiro cimentava a calçada de sua casa. Por fim achou que, colorindo, a calçada ficaria ainda mais alegre.

— Quando eu era criança adorava brincar de amarelinha — fala Maria Teresa— então achei que uma já pronta, facilitaria o trabalho dos meus filhos e os dos outros. Pintei flores, um caracol, um semáforo no portão e na esquina fiz um estação de trem. Mas aí acho que a imaginação começou a falhar e procurei idéias em revistinhas. Resolvi desenhar alguns personagens: Mickey, Pluto, Cebolinha, Mônica, Bambi e alguns outros.

As crianças de toda a rua e das redondezas, cerca de 50, com idade entre dois e doze anos, não passam sem dar um pulinho no caracol ou na amarelinha. A frequência delas na calçada é maior no verão, e principalmente nos horários de saídas das escolas "qualquer criança que passe pela rua e veja a brincadeira, vai logo aderindo", diz Maria Teresa.

Ela narra ainda como foram os dias em que o trânsito daquela rua foi impedido e jogaram areia antes de pavimentá-la: "aqueles montes de areia foram a maior a alegria, parecia uma praia. Surgiu criança de todo o canto e eles rolavam e brincavam — se soltaram realmente".

Para Maria Teresa as crianças procuram aquela calçada devido a diversos fatores. A princípio, ela diz que a redondeza é muito movimentada e a Evangelista Mirandolla é uma das poucas ruas que ainda conservam uma certa calma. "Ou conservava — replica — pois alguns motoristas descobriram que desviando por aqui não parariam no sinaleiro. Desde então a gente não tem mais sossego. Não dá prá imaginar a correria, não sei prá que tanta pressa".

Mais adiante, Maria Teresa analisa o fato das crianças daquela redondeza se expandirem na primeira oportunidade, como reflexo de um sério problema existente em Jundiaí:

Na verdade, nós não temos locais para levar as crianças. Temos o Parque Comendador Antônio Carbonari, onde no último domingo levei meus filhos (eles têm cinco, quatro, três e um ano). Havia cerca de 200 crianças para brincar em cinco ou quatro balanços. Tive que vir embora, pois meus filhos já estavam até chorando com aquilo.

Continuando ela diz: "então os menores ficam sem um lugar para andar de bicicleta, Velotrol ou mesmo para correr. Para os maiores que procuram áreas para jogar futebol, o problema se mantém. Há uma molecada aqui em volta que vive procurando onde jogar futebol. Tínhamos um terreno vazio aqui perto, mas já o transformaram em depósito de postes".

Outra opção que apenas alguns pais têm, é levar seus filhos aos clubes de campo. "mas aí entra o problema da distância" — fala Maria Teresa.

Ela sugere a criação de ruas de lazer, com as que vêm sendo feitas em São Paulo em alguns dias, em horários determinados, quando o trânsito é interditado. Seria uma solução para amenizar tais problemas de lazer infantil em Jundiaí.

"Deveria haver ao menos um local acessível dentro de cada bairro. Poderia ser um parque, um jardim, ou simplesmente uma rua fechada. As crianças precisam de áreas livres para se soltar — finaliza Maria Teresa.

Jornal do Livro

Concurso de Crônicas

A Academia Feminina de Letras e Artes de Jundiaí está promovendo um concurso de crônicas. Os interessados devem enviar – até o dia 15 de junho – apenas um trabalho, com quatro cópias, em envelope fechado com pseudônimo e endereço.

Mandem os trabalhos para a rua Barão de Jundiaí, 403 ou para a rua Dr. Almeida, 296.

Novidade da Nova Fronteira

"A Psiquiatria ao Alcance de Todos" é o título do novo livro da "Coleção Experiência e Psicologia", da Editora Nova Fronteira. O autor é o professor Yves Pélicier, renomado profissional, mestre talentoso, escritor humanista e uma das maiores autoridades em psiquiatria. Em linguagem clara e acessível, ele trata dos temas mais importantes e atuais, relacionados com a psicologia do adulto e da criança, citando exemplos clínicos de sua experiência pessoal.

O objetivo principal desse livro é explicar as doenças para melhor entendê-las e enfrentá-las. Na coleção, a Nova Fronteira já publicou "Memórias, Sonhos e Reflexões", de Carl G. Jung; "Superstições de Psicanálise, de Pierre Debray-Ritzen; "Perturbações do Comportamento da Criança, de Pierre Debray-Ritzen; e agora "A Psicologia ao Alcance de Todos", 232 páginas, Cr$ 70,00.

Novidades da Anhanguera

A Livraria Anhaguera (rua do Rosário, 421) já tem à venda: "Os Militares no Poder, de Carlos Castello Branco; "Crônicas de Nuestra América", de Augusto Boal (atenção para o conto "Nossa Senhora dos Oprimidos"); e "Galvez, o Imperador do Acre", de Márcio Souza. São três livros bastante elogiados pela crítica. Os mais vendidos na Anhanguera na semana passada: 1) "A Casa de Meu Avô", de Carlos Lacerda ; 2) "A Prisão", de Percival de Souza; 3) "Somos Seis", de Francisco Xavier.



Este livro, na Anhanguera.

Entre na corrente da segurança.



Faça seu dinheiro crescer sempre mais! Deposite agora na Caderneta de Poupança Habitacional APE.

Toda hora é hora de depositar na Caderneta de Poupança Habitacional. Seu dinheiro vai render correção monetária e dividendos, dia a dia, todos os dias. Crescendo com segurança, para sua tranqüilidade.

Caderneta de Poupança Habitacional APE

Campinas • São Paulo
Americana • Jundiaí

DISCOS RUINS, MAS O MERCADO ANDA MUITO BOM.

Apesar das bombas que a televisão, via trilha sonora e comerciais de mau gosto, atira na cara-e-ouvidos do público telespectador, nunca se vendeu tanto disco no Brasil como nos últimos três anos, especialmente em 1975 e 1976.

O mercado, que caíra sensivelmente desde 73, com as dificuldades de matéria prima (disco é um derivado do petróleo, imagine!) , deu uma virada nos dois anos citados, com destaque especial para os cassetes (que também são feitos de plástico extraído do petróleo).

"Os resultados excelentes de 1976, na realidade, foram frutos da descompressão de uma demanda reprimida", afirma João Carlos Muller, coordenador da gravadora Odeon. "Ou seja, em épocas de inflação as pessoas geralmente se sentem desistimuladas a investir grandes somas de dinheiro em compras signidicativas. Assim, paradoxalmente, surge uma sobra (ou necessidade de gastar) de dinheiro "pequeno", quando se faz a opção pelo disco".

Essa esdrúxula explicação foi publicada em "Mercado Global", uma revista semanal da Rede Globo.

ASSINE O JORNAL DE 2a. UM JORNAL LIDO ATÉ POR QUEM NÃO GOSTA.

Jornal do Disco

"BAZAR", O NOVO LP DE CÉSAR COSTA FILHO"

"Bazar" (RCA Victor) já é o terceiro disco de César Costa Filho, mas só agora é que suas músicas começam a ser tocadas com mais insistência nas emissoras de rádio. Principalmente por causa da inclusão de uma delas – **Consumatum Est** – na trilha sonora de uma novela de televisão.

Voz parecida com a do violonista Toquinho, César Costa Filho não nega influências de Vinícius de Moraes, Chico Buarque, Caetano Veloso e Gilberto Gil, exatamete por ter surgido numa fase importante da Música Popular Brasileira, em 1968, época dos festivais universitarios, quando apareceram também Gonzaguinha, Ivan Lins e Aldir Blanc.

No primeiro desses festivais, ele conseguiu classificar "Meu Tamborim" em terceiro lugar. Música feita em parceria com Ronaldo Monteiro de Souza, foi cantada por Beth Carvalho.

"Bazar" é o nome deste LP que chega às lojas (em Jundiaí, ele pode ser encontrado na Casa Carlos Gomes, na rua Barão). Além de "Consumatum Est", César Costa Filho leva muita fé em "Amor Antigo":

—É a segunda música que faço para Salgueiro, minha escola do coração. A primeira foi "Vermelho e Branco".



Um trecho da letra:

"Parceiro, vamos ver o que acontece/ desse mal só não padece/quem se isolou/ mas diga pra ela depois/ Salqueiro/ que esse nosso amor é antigo/ e não tem nenhum perigo/ dividir por dois".

Ele tem umas setentas músicas gravadas, algumas delas por cantores como Elis Regina ("Ela"), Eliana Pitmann ("A Ilha"), Claudete Soares ("Fraqueza"), Maria Creuza ("Um de Nós"), Doris Monteiro ("Um Chorinho"), Elizeth Cardoso ("Velho Amor"), em parcerias com Aldir Blanc, Paulo César Pinheiro, Ronaldo Monteiro de Souza...

— Considero "Bazar" meu LP mais agressivo, mesmo sendo ele a continuação de um trablaho que iniciei na época dos festivais. Isso, porque me dá a oportunidade de me mostrar como um compositor descompromissado com modismos e estilos.



Márcia: com bons músicos.

"RONDA", AINDA MELHOR NA VOZ DE MÁRCIA

"Ronda", o bonito samba de Paulo Vanzolini, é também o nome do último LP de Márcia, lançado pela Odeon e produzido por Eduardo Gudin.

Rodeada de músicos de primeira qualidade, Márcia canta um repertório bastante adquedo às suas características de intérprete.

"Mesa Farta", de Nelson Cavaquinho e Guilherme Brito; "Cordas de Aço", de Cartola; "Eterno Retorno", de Vinícius de Moares e Vicente Barreto e "Outra Você Não Me Faz", de Yvone Lara", são algumas das principais faixas. Mas a melhor mesmo e "Ronda". Vale a pena ouvir:

"De noite eu rondo a cidade/a te procurar, sem encontrar/ no meio de olhares espio/ em todos os bares/ você não está / Volto prá casa abatida/ desencantada da vida / o sonho alegria me dá/ nele você está/ Ah! Se eu tivesse quem bem me quisesse/ esse alguém me diria:/ desiste, essa busca é inútil/ eu não desistia/Porém, com perfeita paciência/ sigo a te buscar/ hei de te encontrar/ Bebendo com outras mulheres/ rolando dadinho, jogando bilhar/ E nesse dia, então / vai dar na Primeira Edição / cena de sangue num bar/da Avenida São João/.



Nara Leão

CHICO E NARA, JUNTOS.

Foi lá por 1947 que Sivuca fez uma valsinha. Até há pouco tempo, ninguém a conhecia, mas Chico Buarque ouviu e gostou. Resultado: fez na hora a letra, para cantar com Nara Leão, num disco que está para sair. O nome é "João e Maria" A letra é esta:

"Vem, mê dê a mão/agora a gente não tinha medo/ no tempo da maldade/acho que a gente nem tinha nascido.../ agora eu era rei/ guardava meu bodoque e ensaiava um rock/ para as matinés...".

A música vai fazer parte do LP "Amigos e Canções", de Nara Leão.

OUTROS LANÇAMENTOS

Já está à venda uma nova série de relançamentos da Phonogram, através da etiqueta "Fontana", com a série "A Música de...". Os primeiros LPs reúnem músicas de Chico Buarque, Gilberto Gil, Caetano Veloso e Jorge Ben, todos com músicas regravadas em LPs que devem ser vendidos a preços mais baixos nas lojas.

O último LP de Naná Caymmi , "Renascer", lançado em fins de 76, já esgotou em sua primeira tiragem. É da gravadora CID.

A Odeon anuncia seu próximo lanaçamento: o novo LP de João Nogueira, previsto para os próximos dias.

Sérgio Ricardo estréia na Marcus Pereira com um compacto duplo: "Ponto de Partida", com cinco músicas – "Ponto de Partida", "Menino Pássaro", "Vidas Rasas", "Prece" e "Miguel Vasca". Elas fazem a trilha sonora da peça Gianfrancesco Guarnieri.

Para quem gosta de música internacional: "Kool and the gang". com o LP, "Open Sesame". Os nove integrantes desse grupo instrumental tiveram um formação "jazzística". Tanto que começaram a tocar em 1964 com o nome de "Jazzics". Mas o jazz que faziam só se tornou sucesso quando foi misturado à música "soul" "funk" e outras variações do "rhytm and blues" – cinco anos depois.

Outra novidade na área internacional é "Happy Being Lonely", da Phonogram, com os "Chi-Lites".

O 54º FILME DE HITCHCOCK

"The Short Night" é o nome do novo filme de Alfred Hitchcock – como sempre, de suspense, é claro. É baseado principalmente na história do espião inglês George Blake, preso em 1961 ao entregar documentos secretos aos soviéticos traindo 42 outros agentes secretos que trabalhavam então na União Soviética e foram mortos.

Condenado a 42 anos de prisão (um ano por agente morto), Blake fugiu da cadeia em 1965 e se exilou na Rússia onde vive até hoje.

The Short Night mantém Hitchocock no gênero do suspense-romântico de Rebecca (1939), Spellbound (1945) e Notorius(1946), entre outros. Suas histórias continuam girando em torno de pessoas inocentes envolvidas numa rede de intriga, o que continuamente atrai o público aos filmes do veterano diretor inglês radicado em Hollywood. Mas Hitchcock confessa que continua sem saber exatamente o que atrai o público a seus filmes, além de uma certa satisfação em se assustar.

– Em parte – diz ele – isso tem origens em histórias infantis. O Chapeuzinho Vermelho, por exemplo, é canibalístico. Crianças basicamente adoram crueldade. Não ficam horrorizadas e sim fascinadas. Os contos da carochinha têm muito a ver com isso.

Filmei Psicose em preto e branco porque o vermelho do sangue escorrido pelo ralo seria intolerável. Assim mesmo, algumas pessoas se impressionaram.

– Recebi uma carta de um sujeito dizendo que sua filha tinha ido ver o filme francês Diabolique, em que uma mulher é assassinada numa banheira, e a menina nunca mais tomou banho ali. Depois viu meu filme Psicose e nunca mais entrou num chuveiro. Por isso, disse o sujeito, não era muito agradável chegar perto da garota.

Hitchcock não deixou sem resposta o missivista impressionado pela influência do cinema.

– Sugeri que ele enviasse a filha para uma lavagem a seco.

PROGRAMA

A programação desta semana em nossos cinemas não está muito brilhante, a exemplo do que vem acontecento. Neste longo e tenebroso inverno cinematográfico, o Marabá, até o dia 15, vai apresentar "As Novas Aventuras do Fusca". É uma história da carochinha em que um Fusca é dotado de sentimentos e inteligência bem maiores do que a média da assistência. Do dia 16 à 29, será apresentada a película nacional "19 mulheres para 1 Homem". Pelo título dá para perceber do que se trata, aliás era só falar "mais uma película nacional" que todos entenderiam. O Ipiranga, por sua vez, vai entrar na terceira semana de "Tubarão". Infelizmente, o bicho ainda não vitimou ninguém da platéia que foi ver o filme. Quem sabe isso acontece quando começar a passar "King-Kong", a partir do dia 24.

EMPRÊSA DE TRANSPORTES
Irmãos Vieira Ltda.
MUDANÇAS LOCAIS E INTERESTADUAIS
Filial – JUNDIAÍ
R. Senador Fonseca, 1150 - fones 434-4482 e 436-5086
CAMPINAS
Matriz
SÃO PAULO
Filial
Fones: 31-3403 e 31-4303 - Fones 227-0419 e 227-0453

Hertane de Campos
ÓTICA MODERNA



Se a lente do seus óculos quebrou, não se preocupe. A ÓTICA MODERNA, com suas máquinas importadas fabrica qualquer lente em 30 minutos.

Fones: 434-7363 - 434-4351
O LABORATÓRIO MAIS COMPLETO DA CIDADE

N&O



ATENTADO À GRAMÁTICA

Deu na "Última Hora" que a Seção do Estado do Rio da Ordem dos Advogados do Brasil poderá fastar do exercício da profissão um advogado carioca que encaminhou àquela entidade uma petição com vários erros gramaticais. Segundo os arquivos do promotor Edmo Rodrigues Luterback, um colega seu que iria tentar atuar na defesa assim se expressou:

– Os senhores irão concordar com nós (sic), pois vão ouvir um jurista respeitado e renomado.

Ao se articular na defesa, o tal jurista (não foi revelado o nome) assim respondeu:

– É a realidade mundanal numa mundaneidade (sic). Sim porque é a fenomelogia existenciária (sic). Para que possamos nós juristas fazer, pois estamos no flucto dos aconteceres (sic).

O julgamento corria normalmente até que, no final, o tal jurista voltou com a defesa do acusado, em termos ainda mias estranhos:

– Mas tem a pretensão, a característica pretensora do juízo valorativo valoráveis do julgador. Isso é, supósito incognocente, a ciência da cientificidade tutelada pela lei.

Numa dessas, o advogado passou a réu: foi condeando a fazer um curso de português. (pela transcrição AF)

MELECA GERAL

Segundo os jornais, a Vasp, a Fepasa e a Dersa serão integradas.

Já pensou? Avião descarlhando, você pagando pedágio em Francisco Morato?

Apertem seus cintos e não fumem, que a coisa vai ficar preta. (E.M.)

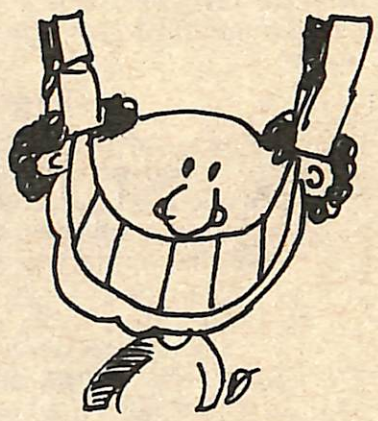
IN DUBIO...

De tanto ver o Cláudio Coutinho falar em "bio-ritmo", "polivalência", "líbero flutuante", etc., um amigo meu ficou meio assutado. Disse que não entende nada disso mas, por via das dúvidas proibiu o filho de jogar futebol. (AF)



OLHAÍ, PESSOAL!

Está na praça um novo jornal de humor: **Pingente** , feito por um time de primeira – Nani, Coentro, Guidacci Duayer, Jésus Rocha, etc. Tem 24 páginas e é mensal. Custa Cr$ 9,00 mas não reclame do preço sem ver o conteúdo antes. Vale a pena. A pena e a caneta. (AF)



TÁ NA CARA

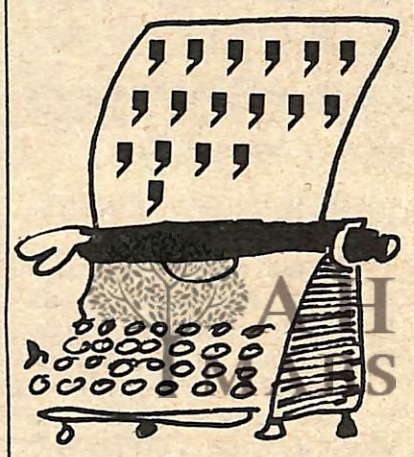
Se o Leão tivesse sido um pouquinho mais polivalente, se o Amral tivesse desempenhado, realmente, a função de líbero flutuante, se Zico e Rivelino tivessem conseguido manter o bio-ritmo, não digo que a gente goleasse os ingleses, mas poderia chegar àquele 1 a 0 que o Internacional de Campo Limpo conseguia, nos bons tempos em que você comprava vinte balas por um tostão, correto? (E. M.)



ADEUS, CHIOSORA!

Deu na coluna do bom Chiosorin, no **JJ** : "Muitas pessoas, estão fazendo de tudo, e tentando de todas as maneiras fazer parte desta coluna, mas infelizmente jamais conseguirão. Elas se esquecem que para ser notícias, precisam **acontecer**".

Vírgulas à parte, Chiosora, entendi o que você quer dizer. E, com o coração em pedaços, recolho-me à minha insignificância: já que daí não sai colher de chá, de agora em diante só vou ler coluna de jornalista sério. Adeus. (AF)



VONTADE DE AJUDAR

Temos deixado de divulgar muitos convites e pedidos de colaboração para festas e realizações, pelo fato dessas informações nos chegarem às mãos tarde demais.

Foi o caso da festa junina da escola "Profa. Cecília Porto Gelli" e da festa de Santo Antônio em Ivoturucaia, só para citar dois exemplos.

Quem desejar a divulgação de realizações desse ou de outro tipo, por favor, entregue-nos as notas até a terça-feira da semana anterior. Temos o maior interesse em colaborar.

BARÃO, 876 FUNDOS

Por contingência do espaço, caímos para esta página nesta semana. Apesar de um pouco itinerante, recebi esta carta do prefeito Pedro Fávaro:

No que diz respeito à notícia inserida nesse órgão da imprensa e relativa à problemática da instalação de telefones públicos em nossa cidade, cabe-nos elucidar o seguinte:

a) não há necessidade de se "implorar a instalação de telefones públicos" nos bairros de nossa cidade;

b) A instalação é uma obrigação da Administração Municipal, a qual tem atendido todos os pedidos até agora formulados por nossos munícipes, conforme se poderá constatar dos inclusos ofícios enviados à Telesp, todos versantes sobre o problema enfocado;

c) o pedido da Prefeitura Municipal à TELESP, é efetuado tão logo recebida a solicitação dos munícipes. Quanto à instalação, a matéria é de competência exclusiva da TELESP, a qual poderá fornecer maiores esclarecimentos com relação ao espaço de tempo necessário para tal providência.

Caro prefeito: esse negócio de tranferir a demora para a TELESP é uma grande ajuda. Mas vamos aos fatos: tudo o que foi dito por mim a respeito do assunto, estava no condicional. Esse esclarecimento explicou, mas não justificou. Falar com algum responsável da TELESP é um martírio para qualquer paciência. Então a Prefeitura manda um ofício à TELESP e acaba aí a responsabilidade do Poder Público? Estamos aguardando o envio de outro esclarecimento: quantos - pedidos [illegible] da Prefeitura já foram atendidos? (Kazuo)

ASSINE O JORNAL DE 2a. UM JORNAL LIDO ATÉ POR QUEM NÃO GOSTA.

EM CAMARA LENTA

8 de junho de 1977.

Dos três projetos-de-lei que constavam da ordem do dia da sessão de quarta-feira passada, o mais importante era o do prefeito, estipulando o congelamento dos impostos sobre imóvies, pelo prazo de dois anos. Foi adiado, devido especialmente a emenda do vereador Ariovaldo Alves (MDB) que pretendia estender esse privilégio apenas aos contribuintes de menor poder aquisitivo.

Os dois outros (um do vereador Ari Castro Nunes Filho (Arena), alterando a concessão de bolsas de estudos; outro do líder do DMB, Tarcísio Germano de Lemos, proibindo faixas de propaganda nas árvores e ruas da cidade) foram aprovados por unanimidade.

Um fato interessante, porém, ocorreu durante essa sessão em que a discurseira tomou quase todas as horas dos trabalhos. Foi a fala do líder da Oposição, que se queixava contra os "ouvidos do mercador" que o Executivo faz aos apelos dos vereadores. Tarcísio, ao afirmar que, assim, era melhor falar por falar, já que ninguém ouve, disse o seguinte, " no mais castiço linguajar", segundo ele:

"Senhor Aldermã: aqui o críseo já na alva vem ver o crocidismo manicurto do burgo, abacorejar albradamente o cieiro de mais um fanal abrolhoso e sem barrunta.

A anfuctionia vem em propugnáculo dos culaques, obregões , fâmulas, aulistas, belisários, buscando conglutinar e não abandar, apesar da sequista burocracia.

Isto é verbiagem em tonilha dos senhores agazis que coscuvilhamos para que não nos entendam".

Uma parte do público pensou que fossem palavras do técnico Coutinho, falando dos seus planos para a nova seleção de futebol do Brasil (que aliás, empatou com a estraçalhada seleção da Inglaterra enquanto Tarcísio discursava).

Outra parte do público perguntava, cochichando:

"E o vereador Jorge Roque de Moura? Não fala nada?".

Foi quando houve a verificação de quorum e Roque de Moura se pronunciou:

– Presente!

E nada mais disse, nem lhe foi perguntado.

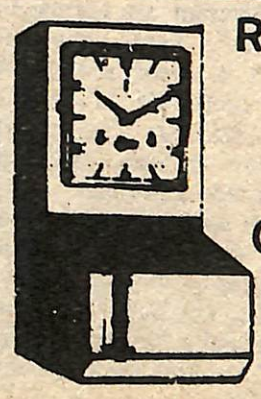
Erazê

FOTOCOPIADORA
MALTONI



TEMOS O MELHOR SERVIÇO DE XEROX DA CIDADE

Rosário, 618 Tel. 436-8460



RELOGIOS DE PONTO
ROD-BEL

REVENDEDOR AUTÓRIZADO
COMERCIAL PANIZZA LTDA
BARÃO, 427 – TEL.436-8231

CANTEMOS, POIS!

Um sugestão aos organizadores da "Noite de Seresta" Já que se trata de lembrar o passado, por que não Noel Rosa, com esta obra-prima que trascrevemos a seguir? (Em tempo: qualquer semelhança é isso aí)

"Você tem palacete reluzente
Tem jóias e criados à vontade
Sem ter nenhuma herança
nem parente.
Só anda de automóvel
na cidade
E o povo
já pergunta com maldade
onde está a honestidade
onde está a honestidade
O seu dinheiro nasce de repente
E embora não se saiba
se é verdade
Você acha nas ruas, diariamente,
anéis, dinheiro e até felicidade
E o povo já pergunta com maldade
onde está a honestidade
onde está a honestidade...
Vassoura nos salões da sociedade
Que varre o que encontar
em sua frente
promove festivais de caridade
em nome de qualquer defuto ausente
E o povo já pergunta com maldade
onde está a honestidade
onde está a honestidade
E o povo já pergunta com maldade
onde está a honestidade
onde está a honestidade...

(Pela transcrição, AF)





NÃO FUI EU!

"O general João Batista Figueiredo está em ótimas condições para ser o futuro presidente da República. Como chefe do S.N.I. ele está habituado a tratar dos mais altos problemas da Nação".

Quem falou isso aí foi o secretário do Interior, Raphael Baldacci, numa das suas visitas pelo interior do Estado. (E.M.)



AVISO À PRAÇA

Solicitamos às pessoas de boa fé (especialmente donos de butiques) que fizeram assinatura do **Jornal de 2a.** através do falsário **Jalmar Barbosa** o favor de entrar contato conosco, para que seja corrigido o mal-feito.

Pelo que temos notícia, o falsário cobrou 150 cruzeiros pela assinatura, quando o preço verdadeiro é 120 cruzeiros. Quanto à promessa de que ele realizará um desfile de modas, é tudo grupo do pilantra.

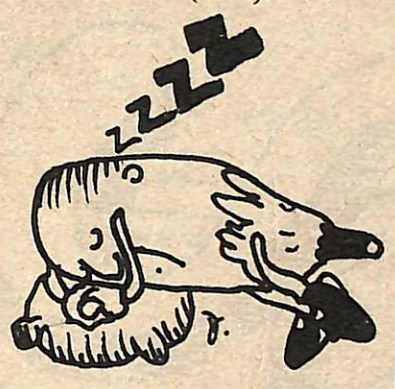
Nosso telefone é 434-8648.

A Direção

PAPELÃO

Ô, revisão! A gente tem a sorte de conseguir publicar, e em absoluta primeira mão nacional, o "Manifesto dos Jornalistas à Nação" (página 16, do número passado) e o documento sai com erros...

Papelão! (E.M.)



EMOÇÃO, UAI!

Seguinte: a gente ficou emocionado demais. Desculpe. (**A Revisão**)

FORÇA TOTAL

Com a vitória (reeleição porém democrática) da chapa "Refazendo", para o DCE livre da USP, acho que agora, mais do que nunca, é importante que as outras alas dêem apoio total àquela turma.

O pessoal mostrou que é bom, que sabe fazer as coisas até o ponto certo (veja as manifestações do mês passado), merece força total.

Heróis, a história do Brasil já tem o suficiente. Está faltando história. E ela se faz assim, a cada dia. (E.M.)

CHAMANDO TODOS OS TRUQUEIROS

Atenção, beiçadores: já estão abertas as inscrições para o Campeonato Estadual de Truco, promovido pelo governo do Estado.

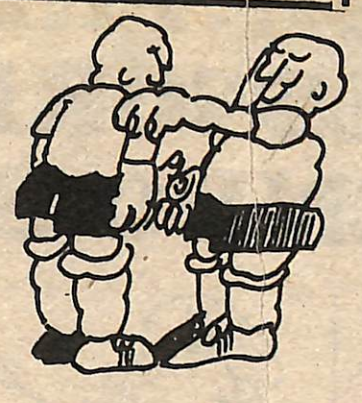
Informações com o pessoal do DEFERT e da CCE, lá no Ginásio de Esportes "Dr. Nicolino De Lucca".

Aposto dez contra cem que Jundiaí traz esse caneco. (E.M.)

ENTORTANDO A CENSURA

Genial, sob todos os aspectos, a manchete do dia 8.6 da "Folha de S.Paulo", a respeito da visita de Roselyn Carter ao Brasil:

"Vou contar tudo a Jimmy". (E.M.)



AMISTOSÍSSIMO

Brasil versus Seleção Carioca. Mais ou menos como Paulista versus Seleção da Terra da Uva. (E.M.)

PERIGO!

De repente, o chanceler Azeredo da Silveira, os ministros Simonsen e Velloso, todo mundo deixou de nos chamar de "nação em desenvolvimento", para falar em "país subdesenvolvido".

Socorro! É a volta ao passado! (E.M.)

BONITO E TRISTE

Se você está com a cabecinha em ordem, compre e leia "Torquato Neto, Os Últimos dias de Paupéria". É uma coletânea de poesias, artigos publicados no jornal "Última Hora" do Rio, peças, o diário do tempo em que o poeta esteve internado numa clínica para alcoólatras. Um documento emocionante, a radiografia corajosa de um cara agitado pela genialidade.

Um livro maravilhoso e muito triste.

Acompanha o livro um compacto com músicas inéditas de Torquato, gravadas por Gal e Gil. (E.M.)

EPA!

Primeiro foi o estado de Campo Grande. Agora estão pensando no estado de Tocantins.

Ô pessoal, não começa a dar idéia não, que daqui a pouco vem o estado de sítio, exconjuro! (E.M.)

JORNAL DE 2ª

Propriedade da Editora Japi Ltda
Rua Senador Fonseca, 1044 – tel: 434-8648
Redator Chefe: Sérgio Rondino
Ilustração: Décio Denardi

O MELHOR RODÍZIO A 80 KM POR HORA
RESTAURANTE VIDEIRA
VIÁ ANHANGUERA, KM 65

JUNDIAÍ CLÍNICAS

Locais de atendimento

UNIDADE CENTRO
Rua Siqueira de Moraes, 242
Fones: 434-1067, 434-1777

UNIDADE VILA ARENS
Rua Frei Caneca, 162
Fones: 436-3260, 436-6704

UNIDADE PRUDENTE
Rua Prudente de Moraes, 1372
Fone: 434-3998

UNIDADE DE ABREUGRAFIA
Rua Prudente de Moraes, 1372
Fone: 434-3998

UNIDADE CAMPO LIMPO
Av. Manoel Tavares da Silva, 495
Campo Limpo Paulista

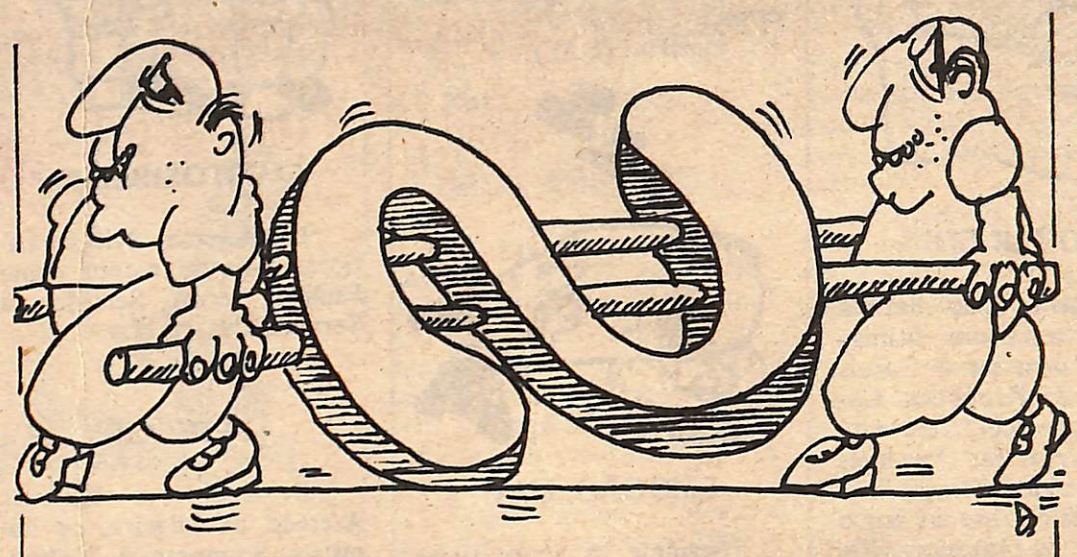
HOSPITAL SANTA RITA DE CÁSSIA
Praça Rotatória, s/no. J. Messina
Fones: 434-1056, 434-1666

A ASTRA existe para que não existam banheiros mal decorados.

AS TAMPAS PLASTICAS, ARMARIOS DE PENDURAR
E ARMARIOS DE EMBUTIR QUE A ASTRA FABRICA, DECORAM
DISCRETAMENTE O SEU BANHEIRO

ASTRA
Rua Colégio Florence, 59 - tel 434-6398
434-6598 e 434-6798

SR. PREFEITO, SRS. ASSESSORES: O POVO ESTÁ QUERENDO SABER DAS COISAS.



Muita gente procurou e não encontrou nas bancas a edição do "Jornal de Jundiaí" do dia 2 de junho passado. "Está esgotado", era a resposta dos jornaleiros. Assim, muita gente ficou à cata de um exemplar esgotado, para saber detalhes daquilo que o JJ anunciava na manchete:"Peculato e furto, as novas denúncias contra Ibis e ex-acessores".

A matéria de primeira página trazia o texto do relatório que a Comissão Especial de Inquérito do Hospital S. Vicente encaminhava à 1a.Promotoria Pública, sugerindo o enquadramento do ex-prefeito e de seu secretário da Saúde, Arnaldo Martins do Reis, nas penas dos artigos 346 e 377 do Código Eleitoral. A infração: uso indevido das repartições da Secretaria da Saúde durante a campanha eleitoral.

Além do relatório da CEI, o diário trazia outro, da comissão de sindicância, criada pelo Prefeito Pedro Fávaro para apurar desvio de materiais do depósito da prefeitura, desvio esse que envolvia o irmão do prefeito, Ivo Pereira Mauro, o então secretário de Obras Públicas, Plínio de Almeida Ramos e outros.

Do relatório da CEI constava uma referência à denúncia, feita em novembro de 1976, por este semanário. Da matéria sobre o desvio de materiais constava a foto da casa de Iris Menegassi, um dos envolvidos no desvio de materiais do depósito da prefeitura, a mesma foto que, meses antes, o **Jornal de 2a.** publicara, em uma das muitas denúncias que fez durante o primeiro ano de sua existência.

HONRARIAS, NÃO

Com esse dois fatos, de repente o J2a. passou a merecer elogios e honrarias iguais às que recebeu quando o resultado das urnas apontaram a derrota eleitoral do ex-prefeito. "Parte dessa luta foi vencida pelo **Jornal de 2a.**", comentava-se pelas esquinas. E uma boa parte dos comentários partia de bocas que, na ocasião dessas denúncias feitas no mais absoluto **solo**, achavam que este semanário era faccioso demais, virulento demais, preconcebido demais (isso sem contar a pecha de "subversivo" que tentaram impingir: sabemos que um assessor do ex-prefeito se dava ao trabalho de levar, semanalmente, um exemplar do **Jornal de 2a.** às autoridades militares de São Paulo, na tentativa de nos enquadrar em qualquer artigo da Lei de Segurança Nacional. Mal sabia o **office-boy** de luxo que o semanário era enviado a algumas dessas autoridades, num esforço, hoje considerado quixotesco, de ver a corrupção banida da nossa cidade, santa ingenuidade).

Agora, porém, quando as pontas do tapete começam a ser erguidas, nós que combatemos a administração Ibis Cruz com todas as nossas forças, que fomos chamados à Justiça através de processo movido por um dos jornais que apoiavam "a coragem e o dinamismo" do então prefeito, devemos esclarecer que não são honrarias o motivo de nossa luta, mas a incansável esperança de que as ações duvidosas, praticadas pela administração Ibis Cruz, sejam esclarecidas publicamente. A nós interessa conferir se aquilo que tachamos de imoral e lesivo aos interesses da comunidade pode ser justificado pelos códigos da Justiça.

O SISTEMA VIÁRIO

A grande luta que caracterizou este semanário foi a concorrência para as obras do Sistema Viário. Não repetiremos aquilo que já foi repetido até a exaustão: os altos custos das obras entregues, por desempate, à empreiteira Andrade Gutierrez. Interessa-nos, porém, que a averiguação desse assunto por parte do atual prefeito Pedro Fávaro seja iniciada. Porque, na verdade, é nas obras do Sistema Viário que está sendo enterrada a gigantesca verba que os órgãos oficiais de financiamento entregaram a jato para o ex-prefeito entregar a jato à empreiteira.

São milhões de cruzeiros soterrados pelos asfalto das avenidas que, hoje, sabemos a que terrenos levam. São milhares que aprefeitura paga, diariamente, somente em juros e correção monetária relativos aos empréstimos milionários.

Essa é a denúncia mais importante. É a respeito dela que queremos a ação efetiva dos atuais administradores. Porque, sabemos, o fio do Sistema Viário conduz a meadas muito mais intricadas do que um rol de materiais de construção desviados por pobres menegassis.

O levantamento dos assuntos ligados à construção das modernas avenidas trará à baila o mecanismo das desapropriaçãoes de terrenos, dos aterros piramidais feitos através de incansável movimento de escavadeiras e caminhões basculantes, da delapidação da reserva florestal da serra do Japi, inclusive um certo contrato para extração de cascalho daquela localidade. E acabará por chegar aos decantados "100 quilômetros de asfalto" e à decorrente extensão de ruas que muitos lucros propiciaram a proprietários, e quem sabe a mais quem?

CONCREBRÁS

Além da novela do Sitema Viário, outra denúncia feita por nós ainda não foi esclarecida: as condições da instalação da indústria Concrebrás em área não-industrial, pelo menos na época da sua aprovação.

Queremos saber da atual administração, da atual secretaria de Obras como fica esse caso. Alguma lei ou decreto de fim-de-ano tornou a área da Concrebrás legítima para o funcionamento? As irregularidades anteriores a essa hipotética lei serão punidas? Se sua situação ainda é de fora-de-lei, o que se está esperando para enquadrá-la na legislação vigente?

JUSTIÇA GERAL

Assim como esses dois exemplos citados, outros casos devem existir, envolvendo coisas, pessoas e prejuízos maiores dos que os causados pelo cheque desviado do Hospital São Vicente e pelos tijolos e madeiras desviados de depósito da prefeitura.

E são esses prejuízos, são os grandes danos materiais e morais que queremos ver postos ao público. Não para que, mais uma vez, sejam concedidas honrarias a esse jornal. Mas, para que se desminta o refrão popular de que "a rede da Justiça somente pega arraia miúda".

Passamos a palavra ao prefeito Pedro Fávaro e seus assessores. Honestidade e capacidade profissional não lhes faltam para apurar os abusos. Pedimos apenas que mostrem coragem e empenho para sanear a coisa pública. (E.M.)

MORDOMIA: A QUEM INTERESSA O SILÊNCIO?

Encoberta por um sombrio silêncio, a Comissão Especial de Inquérito, encarregada de investigar os gastos da presidência anterior da Câmara Municipal, continua o seu trabalho. Pelo menos é o que se espera, já que nada transpira dos cinco membros a respeito dos resultados iniciais a que chegaram.

Apesar disso, comenta-se a existência de notas fiscais duvidosas, despesas completamente desproporcionais, tudo bem de acordo com a administração passada. Como se sabe, foi a época em que os homens públicos gastaram, em nome da cidade, para satisfazer seus apetites insaciáveis e, inclusive, para atender suas irresistíveis vocações turísticas.

Como tudo ocorreu dentro de um ostensivo clima de impunidade, os atuais vereadores decidiram por criar uma Comissão de Inquérito para se saber quais foram esses gastos e as providências a serem sugeridas a respeito.

Mas, no início já foi bastante discutível. Para presidente da comissão foi escolhido o vereador Elio Zillo. Acontece que o prórpio, na legislatura passada, era presidente da Comissão de Finanças e Orçamento da Câmara. E agora dirige os trabalhos da Comissão encarregada de apurar os gastos que ele mesmo teria que ter conhecimento.

Há também um fato bastante significativo: a comissão está composta por três veradores da Arena e dois do MDB. A bancada do MDB tinha em mente fazer com que o inquérito fosse feito em público, mas o líder arenista conseguiu o sigilo para ela. A título de quê? A quem interessa uma investigação sigilosa?

Existe um ditado popular que diz: "quando não se quer apurar nada, forma-se uma comissão de inquérito". Mas isso ocorre quando o público é mantido distante dos fatos descobertos Depois, com alguns arranjos, pode-se pedir o arquivamento do processo sem que ninguém fique sabendo o que foi apurado.

A única forma de impedir qualquer procedimento desse gênero, é fazer tudo às claras, publicamente, dando satisfação a quem realmente tem o direito: a população. As informações estão sendo sonegadas, pelo menos por enquanto.

Acima de qualquer manobra dos políticos, acima das estratégias parlamentares, ainda existem mais de 200 mil jundiaienses que devem ser informados sobre o que se fez com o dinheiro público. Mais que isso, também deve partir dos homens públicos a defesa dos interesses populares. Mesmo porque só a população pode legitimar qualquer tipo de poder, apesar de todos os exemplos em contrário que campeiam atualmente. (C.K.I.)



Zillo, em silêncio.